

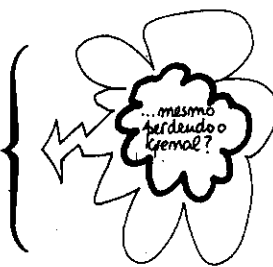
PATOMACHO

GRENAL E' GRENAL



ENTREVISTA:

Oto Glória: serei Campeão



Oto Glória conversou com Marcos Faerman, José Oufre, Carlos Nobre, Paulo Odoué Ribeiro, Coi Lopes de Almeida e Luiz Carlos Madeira. Na casa do Odoué.

MARCAO — Oto, você já viu o Inter de Dino Sant'Agostini?

OTO — Sei que melhorou muito, mas ainda não vi, não.

ONOFRE — Você entende que Dino vai abandonar o sistema defensivo de Daltro?

OTO — Não é bem o caso. Aqui em Porto Alegre até já houve uma polêmica a este respeito. Disseram que eu falei que o futebol gaúcho era provinciano, quando declarei que Grêmio e Inter no Rio diminuíam extraordinariamente de produção. Inclusive isso aconteceu contra a equipe que eu treinava, o América. O Internacional precisando apenas de empate para classificar-se, jogou sempre na defesa, chegando ao cúmulo de perdendo por 1 a 0 para o Tovar. O América com um time muito mais fraco ganhou. Quando o América veio a Porto Alegre, o mesmo time do Inter deu um banho de bola. Parece que eu digi que melhorou.

ONOFRE — Você não acha que o Inter jogando com o Tovar lá em clima, deixando um enorme fiasco poderá prejudicar a defensiva do Inter?

OTO — Acontece que estão ganhando jogos e fazendo muito mais gols do que antes e até estão jogando sem o Paulo César, um jogador excepcional! Pelos resultados parece que está dando certo. O trabalho de um treinador, o êxito de um treinador, não se traduz por aquilo que o time faça. O nosso êxito varia na razão direta das vitórias que o clube obtém, mesmo se jogar mal. Antes o time do Inter ganhava apertado, não ganhava e agora vem ganhando.

NOBRE — Oto, você disse que o gol é que agrada os olhos. Você ficou muito contente com os 5 a 2 em Bento Gonçalves?

OTO — Agradou ao pessoal de Bento Gonçalves. A mim não agradou nem desagradou, porque nós temos que encarar a coisa com outro espírito que não aquele do assistente, do torcedor. O que aconteceu naquele dia, em Bento, acontece até com a gente. Há sempre um dia que não deveríamos nem sair de casa. Aquêles são os dias em que o Grêmio não deveria ter saído de casa. Tudo andou mal. Um de nossos jogadores deu três brinques ao adversário que soube aproveitar, fazendo três gols; desmorinou o nosso time e ganhou o jogo. Quem é que vai dizer que aquela gente toda que foi ao estádio do Esportivo não saiu satisfeita? Se aquele jogo terminasse em zero, nem os de lá, nem os de cá, ficariam satisfeitos. Quando falo do prazer que o público deve ter, não falo das torcidas, sim do público pagante, do espectador. Do público que exige um bom espetáculo. O futebol defensivo dá prejuízo, não dá renda. O futebol defensivo não chama tanta gente como aquele que nós sempre jogamos no Brasil. Por que o público mexicano ficou louco de alegria com a nossa seleção? Porque viram um futebol bonito, atraente e sobretudo um futebol ofensivo, de gols. Não aquele sistema que o Brasil apresentou, com tão bons jogadores, em 66, em Londres. Decepcionou a todos justamente por isso.

ODONE — A gente está vendo que você é apologista do futebol gols, ofensivo, do futebol alegre. Agora eu pergunto: você não tem medo, de perder o campeonato gaúcho jogando dessa forma?

OTO — Sinceramente eu não tenho medo, não. Respeito os adversários. Principalmente o único adversário, embora não sendo supercilioso, nem excessivamente otimista, também não sou pessimista. Acredito que se não jogarmos futebol ofensivo, principalmente no interior do Estado — onde encontramos o outro time jogando a Copa do Mundo — enquanto jogamos um jogo de menor responsabilidade, perdemos o campeonato. Eu não considero que o campeonato gaúcho se ganhe no Grêmio, que pode ser vencido por qualquer um dos dois. Ganha o campeonato, como aconteceu nos 7 anos em que o Grêmio foi campeão e nos dois anos do colorado, quem vencer no interior.

NOBRE — Tem uma estória aí muito chata. Vou levantar a bola. Negócio seguinte: Certa ocasião contrataram um zagueiro para o Inter. O Gunga. Aí o camarada tava num treino quando chegou o presidente do Inter. O seu Stechman berrou: Pô, quem é este cara aí? Eu não conheço. Pergunto o seguinte: quando apareceram o Chamaco e Scotta não aconteceu a mesma coisa ao amigo?

OTO — Não. Eu já tenho muitos anos nisso e sei que falar mal é fácil, falar bem é que é difícil. Parto do seguinte princípio: nós treinadores somos chamados de venais, de mercenários, então, como treinador, sempre que indicamos um jogador ao clube e este jogador custa 100 ou 200 mil, dizem que levamos um pedaço na transação. Eu, não por ser mais vivo do que ninguém — sou apenas mais experiente — passei a indicar posições e jogadores, não um mas quatro ou cinco, para que o clube contratasse um dentro daquelas características que eu preciso. O clube é quem trata das coisas. Então acontece o que aconteceu. Eu particularmente não sou contra jogadores estrangeiros mas, no Brasil, acho que jogador estrangeiro só em último recurso. Porque nós temos um excesso de bons jogadores. Acontece que com a conquista do tricampeonato houve uma supervalorização do jogador brasileiro. Jogadores que não sabem sequer amarrar a chuteira, ganhando 10 milhões de cruzeiros

25 anos; não jogava no time do River por uma questão de liderança, que eles não queriam admitir, porque, lá como aqui, quando o jogador é líder, ou evoluiu um pouco mais, começa a ser pernicioso ao clube. Porque ele não é burro, não vai fazer aquilo que quem quer que ele faça, então começa a ser mau elemento. O Scotta é um moço vindo do interior. Jogava no primeiro time, e seu clube não queria vendê-lo por nenhum preço e sim emprestá-lo, para que aqui produzisse e depois voltasse um jogador feito. Coisa muito comum. Daí eu ter contratado estes dois jogadores. E porque acho que o nosso ditado é perfeito — cada macaco no seu galho — eu não permito que interfiram na minha posição, como também não vou interferir na de ninguém. Não admito que outros, principalmente os leigos, interfiram na minha função. Quando faço os meus contratos costume fazê-los com carta branca, lavada com Omo, uma coisa bem branquinha, para não haver problema.

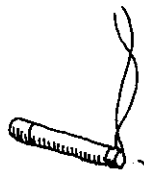
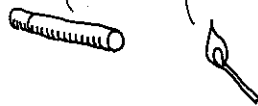
NOBRE — O Oto parece que andou brigando com Ostermann, não foi?

OTO — Não, eu nem o vejo há muito e mesmo porque eu não brigo com ninguém. Além do mais nem teria motivos para brigar.

NOBRE — Mas tem uma fofoca por aí...

ONOFRE — Eu acho que esta briga deve ser melhor esclarecida. Que fofoca era esta afinal?

GREMIO! INTERNACIONAL!



INTERNACIONAL

por mês. Infelizmente é mais fácil, pela desorganização que impera na camada administrativa do futebol brasileiro, buscar um craque de outro país qualquer, três vezes mais baratos, como é o caso de Scotta e Chamaco, do que contratar um jogador medíocre. E cito um exemplo: treinei, experimentei um jogador vindo do Norte, jogador com 21 anos, medíocre, com possibilidades de produzir, desde que aprendesse aqui no Rio Grande. E o clube dele, onde ele ganhava 600 cruzeiros por mês, pediu a bagatela de 250 milhões à vista pelo passe.

ODONE — O mal é o jogador que ganha 10 milhões sem saber amarrar a chuteira ou se é o clube que pede muito pelo passe?

OTO — É um círculo vicioso, uma coisa e outra...

NOBRE — Aí já não é camada administrativa, é a camada administrativa.

OTO — Os dois jogadores argentinos que foram contratados pelo Grêmio custaram, os dois, 180 mil, sendo que além das informações, que considero superabuladas, do Didi, meu amigo pessoal, e do Delém, que já jogou no meu clube, havia antecedentes. O Chamaco, ex-médico de ataque da seleção argentina, há dois anos, com

blicou não está deturpado, nem são mentiras, não vejo nenhum problema. Afinal eu não sou o dono da verdade.

NOBRE — O dono da verdade é o Faguinho.

OTO — Eu tenho um livro feito, aliás está na Espanha, só não publiquei porque foi na época em que vim embora. Não era nem a respeito deste assunto. O que o Ostermann escreveu é mais ou menos um histórico do futebol, do progresso do futebol. O meu é um livro sobre tática, técnicas e preparação física. Até, se agora fosse publicado, teria de ser atualizado.

Eu até fui a favor do esforço dele para salvar o Alcindo...

NOBRE — Oto eu respeito tanto a sua opinião que neste momento até nem vou te agredir por ter escalado o Alcindo uma porção de vezes.

ONOFRE — Eu até fui a favor do esforço dele para salvar Alcindo.

OTO — Por exemplo, eu tenho um açougue e penduro na porta que a carne está estragada, ninguém compra a carne...

NOBRE — Açougue é Ari Erclio, não?

OTO — Eu tenho que colocar esta carne à venda como muito boa pra que alguém compre, se eu disser que está estragada ninguém compra. Ora num campeonato, onde só se classificam dois tenho que valorizar esta moeda pra dizer que ela é muito boa, pra que alguém compre, senão ninguém quer e eu fico com ela, ali, enalçada.

NOBRE — E a carne aumentou pra burro, hein?

OTO — Eu já tenho um clube que dá 250 milhões por Alcindo.

NOBRE — O Alcindo é picanha

OTO — É, é picanha.

COI — Você acha que Alcindo ainda poderá render alguma coisa no Grêmio?

OTO — Não, não acredito muito. O importante é que tem um clube no Rio que dá 250 milhões à vista pelo Alcindo.

NOBRE — O Madureira?

OTO — Não, é o Olaria. É o São Paulo também quer o Alcindo.

COI — tem sabe se troca Alcindo por Afonsinho



GREMIAL

MARCAO — Uma pergunta. O senhor não acha que deveria ter um superintendente no time, ao estilo de alguns times de S. Paulo, como concepção de trabalho?

OTO — O Grêmio tem um superintendente, muito competente, capaz, que não interfere na minha função. O Clebel Furtado. Acontece que o Clebel sabe o lugar que ocupa. Via de regra o superintendente não sabe o lugar que ocupa. Assim, eu não aceitaria a não ser um Flávio Costa, um Zezé Moreira. Aceitaria um competente, diplomado, experimentado para este lugar. Certa vez o Ministro da Defesa de Portugal me chamou e disse: o campeonato mundial militar é um troço muito sério. Na Europa, então, onde todo mundo está sempre convocando pra guerra, onde se respira guerra. Os campeonatos militares são formidáveis. No ano de 1961, este campeonato foi muito importante, inclusive jogou Pelé e o Brasil perdeu para os Argentinos. Voltando ao ministro, ele me chamou e falou: o senhor tem feito muito pelo futebol português, eu queria convidá-lo para treinar da seleção militar. Quanto é que o senhor quer ganhar? Respondi, eu nada, não senhor. Pra mim é uma honra, como estrangeiro, ser escolhido para treinar a nossa seleção militar, com tanta gente aí.

OTTO

Al o ministro estronhou: «cada um pede 10 mil escudos, 15 mil, 20 mil, e o senhor não pede nada». Respondi que para mim era uma satisfação, mas tinha mais uma coisa. O senhor, num jogo que fui assistir em Paris entrou no vestiário, deu uma bronca com os jogadores que tinham perdido para os franceses, dizendo que tinham que fazer gols com a barriga, com o pé, com a mão, mas tinham que ganhar, não sei o quê. Durante toda este papo os que estavam presentes ficaram calados. Da mesma maneira que eu não entendo de manobras militares o senhor não sabe de futebol. O senhor não se mete lá e eu não marco as manobras do seu exercito. Que então vai virar uma bagunça uma esculhambação. Lá em Portugal tem que se chamar todo mundo de excelência. É Vossa Excelência pra cá, Vossa Excelência pra lá. Eu já comecei chamando o ministro de senhor. Depois vai ser uma esculhambação, o senhor não sabe de futebol eu não sei de manobras, aceito com uma condição: o senhor não se mete e eu também não me meto. O cara então começou a rir, todos ali olhando pra mim. O homem não resistiu. Virou-se pra mim e disse: «você brasileiros são formidáveis, se estes senhores aí, que são meus auxiliares, dissessem isso algumas vezes, eu seria melhor ministro do que sou. De maneira que eu falei: A gente pode bater um papo, tal e coisa — «O que é bater papo?» — pô, bater papo é conversar, e tal. Depois disso o cara telefonava pra minha casa pra convidar: «brasileiro, vem cá bater um pa-

MARCÃO — Seu Oto, o senhor assistiu e participou, como treinador da seleção portuguesa, da Copa de 1966, qual a razão do fracasso nacional?

OTO — Era baile, era bagunça. O Brasil foi passear na Inglaterra, não tinha nada de futebol. Foi jogar um mundial sem preparação física, psicológica ou técnica, ao ponto de vários jogadores, que entraram contra Portugal estarem completamente fora de condições. O Fideis, com uma distensão na coxa, o Garrincha mais gordo do que eu, não tinha nenhuma condição de fazer nada. No último Mundial, o João Saldanha teve um papel importantíssimo, ao criar toda aquela situação, que culminou na sua demissão, abrindo os olhos de todo o mundo e motivando os jogadores. Com raiva do que ele havia dito todos começaram a trabalhar. Aquêles que viram os primeiros momentos da seleção, não poderiam acreditar no sucesso. Inclusive vocês, aqui no Beira-Rio, viram o time contra o Peru. Não tinham condições. O Pelé estava gordo, o Gerson fora de forma. Eles bebiam usque com laranja na hora que queriam.

NOBRE — Então a miopia do Pelé era simplesmente usque e gordura?

OTO — Não, o Pelé é míope mesmo.

MARCÃO — Tá a grande revelação da noite. O Saldanha tinha razão. **OTO** — O Pelé é míope mesmo, mas isso não prejudica, em nada, o seu futebol; só se o camarada fosse tão míope a ponto de não encher uma bola! O Pelé não estava em forma assim como havia muitos outros jogadores que não estavam em forma. A intervenção militar foi fundamental,

porque disciplinou. A motivação, promovida pelo João nos jogadores, também foi importante. Se a seleção continuasse trabalhando como estava não iam longe.

MARCÃO — Você acha então que o João Saldanha ganhou o tri no México?

OTO — Não é bem assim. Muitos fatores contribuíram para a vitória da Seleção. Em 1950 o Flávio Costa formou uma seleção fabulosa que perdeu para os uruguaios.

MARCÃO — Você acha que o João Saldanha é tão bom quanto o Zagalo?

OTO — É tão bom, mas o Zagalo tem uma personalidade completamente diferente. O João sabe de futebol. O Zagalo, eu conheço bem, porque até foi meu jogador, quando juvenil no Amé-rica.

NOBRE — Pô, o Oto só de minutos de silêncio deve ter umas trinta horas.

OTO — Não, acontece que eu fiquei inutilizado para o futebol com 25 anos.

MARCÃO — Em que posição você jogou, Oto?

OTO — Ponta, ou meia esquerda. Logo que eu deixei de jogar o Vasco me convidou para passar a treinador. Eu achei, como continue achando — infelizmente o Brasil, em certos aspectos, é o paraíso dos mediocres — que não devia ocupar o lugar de um indivíduo que tem um diploma, por ter sido pura e simplesmente jogador. Do mesmo modo que eu discordo, publicamente, da indicação do Zagalo, reconhecendo nele um ótimo treinador, um bom técnico, mas reconhecendo que há uma lei federal dizendo que nenhum clube pode ter treinador não diplomado. No Brasil qualquer padeiro, marceneiro, pode ser treinador.

NOBRE — O Daltro era padeiro? **OTO** — Nós treinadores diplomados, não podemos ser médicos ou engenheiros, não temos conhecimento do assunto. Eu sou contra todos aqueles que não têm diploma.

NOBRE — O Dino é diplomado?

OTO — Ele tem um diploma da Itália; o Dino fez um curso na Itália. Foi por isso que eu preferi antes fazer um curso de treinador do que ser treinador sem diploma. Já tenho 25 anos na profissão; sou meio velho, mas nem tanto assim. Acontece, que enquanto eu tenho 50 anos, o Zagalo tem 40; ele foi meu jogador por isso mesmo. Eu era treinador dos juvenis e ele jogava na América. No ano que passei a treinar os profissionais o Zagalo, porque não quis 200 ou 300 mil réis que lhe ofereciam, foi para o Flamengo ganhar 500. Ele trabalhou pouco tempo comigo.

NOBRE — Oto qual é o melhor: Euzébio ou Claudiomiro?

OTO — Euzébio. Dentro da área, naquele espaço de 18 jardas, há alguns jogadores com características diferentes. Por exemplo — considerado unanimemente o melhor jogador do mundo — eu, depois do Pelé, só conheci Zizinho e Di Stefano, parecidos, porque são jogadores ecléticos. Tanto jogam atrás como na frente. O Euzébio, como o Claudiomiro, é homem das chamadas 18 jardas, de dentro da área. Depois do Pelé, eu considero o Euzébio o melhor jogador de área que existe no mundo.

Depois do Euzébio, ainda, nem Riva nem nada disso, um holandês que se chama Croiff que é um fabuloso goleador.

NOBRE — Não é um que joga de céulos?

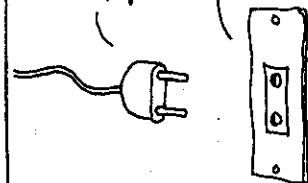
OTO — Não, esse joga na Bélgica. O Croiff, basta dizer o seguinte: os holandeses, que são medíocres em futebol, há dois anos foram vice-campeões europeus, no ano passado, campeões, e neste ano estão na final outra vez, à custa deste Croiff, que em 5 anos de profissionalismo tem uma média de três gols por partida. É preciso ser uma fábula. O Barcelona já ofereceu 2 bilhões de cruzeiros pelo passe de holandês e o clube dele, o Ajax, nem quis conversar. O Claudiomiro é um jogador excepcional. Inteligente, só contrário do que muita gente pensa, um homem que dentro da área é um perigo. Muito rápido, com dribble curto, muito bom jogador. Mas ainda não tem a experiência do Euzébio, que tem 28 anos e é 21, ou 22.

COI — O Claudiomiro é melhor do que foi o Alcindo em 1966?

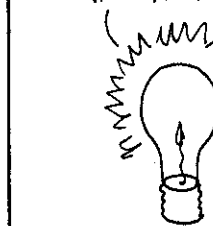
OTO — Eu não posso dizer porque neste tempo não estava no Brasil. Quando vi o Alcindo, na Europa, ele tinha um tomazelo maior do que um repolho. Lá, ele não poderia nem ter sido titular. Não podia correr.

ODONE — Qual é o problema do Alcindo hoje, no Grêmio?

GREMIO! **INTERNACIONAL!**



INTERNACIONAL



OTO — O problema do Alcindo, hoje, é exclusivamente falta de confiança nele mesmo. Hoje é um atleta que já está bem, que trabalha extraordinariamente, trabalha de manhã, de tarde, faz um esforço tremendo para baixar de peso — ele tem uma propensão formidável para a gordura — mas ainda tem medo dele mesmo, se não produz o que já pode produzir, porque agora ele está quase em seu peso normal — só dois quilos a mais.

MARCÃO — Você acha que o Alcindo poderia jogar ao lado do Scotta, por exemplo?

OTO — Pode. Inclusive eu estou trabalhando para que isto aconteça — embora o Caio seja, também, um jogador, que por ser mais novo e por ser muito habilidoso, cria dificuldades a quem queira ocupar o seu lugar.

NOBRE — Chamaco em lugar do Jadir, o Jadir está riscado?

OTO — Dentro dos meus planos para o campeonato, os dois poderiam jogar no mesmo time.

NOBRE — No mesmo time. Chamaco e Jadir?

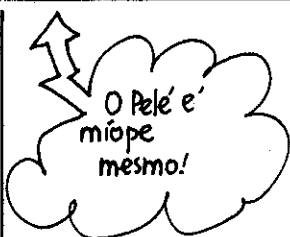
ONOFRE — O Chamaco pela direita e o Jadir pela esquerda!

NOBRE — Pô, Chamaco, Alcindo e Jadir no mesmo time! Vai ser só pedrada, não vai dar pé.

MARCÃO — Agora o negócio importante, isso no caso de você poder falar, sem abrir o jogo.



po». Aí eu ia conversar com o ministro. Outro fato aconteceu agora lá na Bahia quando o Grêmio foi inaugurar o estádio. Um cara chegou pra mim e disse: eu quero falar com o senhor. (Ele queria que o Grêmio desempatasse o jogo numa série de penaltis, e eu disse que não, o jogo tinha sido fôga, brigas o tempo todo. O empate estava bom) O Luiz Carvalho e o Dourado tiveram medo do cara, daí ele veio pra mim, falando grosso eu sou o que manda nisso tudo aqui. Aí eu alhei pra cara e respondi e sabe lá quem eu sou? Eu sou o Oto Glória, eu sou o dono de São Cristovão lá no Rio. Eu mando naquilo tudo. O cara não entendeu: o que o senhor disse? Se o senhor é dono daqui eu sou o dono de São Cristovão, um bairro carioca. O cara pulou fora, «o senhor está me tratando mal». O senhor vem dizer que é dono, meu é que não é. «Vou te levar preso». Não aguentei: só pode me levar preso, palmada na minha bunda não pode dar, e do xadrez eu tenho que sair. Não adianta gritar comigo que está perdendo seu tempo. — «Ah, porque o governador não sei o que mais, retrucou o cara mandão, — Isso você não diz pra governador.» Digo. Se ele não tiver educação eu digo. O sujeito não ficou contente: «o senhor está dizendo que eu sou mal educado. É tem mais, a decisão é esta: o jogo acaba emoate, e nós damos a taça pra Bahia. Uma deferência ao dono da casa. Acabou o jogo e eu fui para os vestiários. Lá encontrei o representante do governador agradecendo em nome do governo: «o governador está desvanecido com sua atitude oferecendo a taça ao Bahia. Eu não resistiu, virei-me pra maçã e falei: viu você além de mal educado é mentiroso. Segura, agarra, e não me levaram preso.



CURTICÃO DA MODA

casacos tweed "jack" por 129,00
calças levis de veludo
pantalonas 7 cores por 49,50
camisas commander por 32,50

LONDRES Otávio Rocha, 92.
Marechal Floriano, 19



GRENAL

NOBRE ENTREVISTA

(COM A MÁXIMA SERIEDADE)

O SR. JUIZ DO GRE-NAL

Eu — S. s. está pronta para apitar o Grenal?

S. s. — Estou pronta, sim. Pronta. Pronta quem fica é mulher, ou então...

Eu — Apenas uma questão de concórdância.

S. s. — Eu sei. Eu manjo vocês do Pato Macho. Tô PRONTO, sim.

Eu — Sr. Juiz, alguma diferença em apitar um Grenal?

S. s. — Não. Acho que não. É um jogo como outro qualquer, embora, como se sabe, Grenal é Grenal.

Eu — O sr. vai aplicar no Grenal a última determinação da FIFA, segundo a qual, jogador que pegar a bola com mão, na segunda vez, vai pra rua?

S. s. — Claro. Têho que seguir as regras. Portanto, cara que pegar a bola com a mão, na segunda vai pra rua. Se vou abrir exceção para os goleiros e guarda-las.

Eu — Bem pensado. Dignos agora, sr. juiz, o sr. é homem que já se acostumou a dominar os nervos num jogo como êsses?

S. s. — Claro, senão não seria um juiz de futebol, né?

Eu — Mesmo quando a torcida berra ladrão, ladrão,

S. s. — A torcida tem todo o direito de berrar o que quiser. No mais, eu tô sempre com a consciência tranqüila.

Eu — E quando ela berra que o sr. é bicha?

S. s. — É como eu digo: eu tenho a consciência tranqüila também nesse sentido, graças a Deus.

Eu — O Armandinho Marques também terá?

S. s. — Isso não sei. O problema do Armando, né?

Eu — Mas isso não pode perturbar sua atuação?

S. s. — Eu já tô acostumado. De mais a mais, bicha, hoje em dia, passou a ser um tratamento até carinhoso. O Armando já me disse que, para ele, é a glória.

Eu — Quem vencerá o Grenal?

S. s. — Bem, isso eu só posso dizer depois dos noventa minutos e mais os descontos.

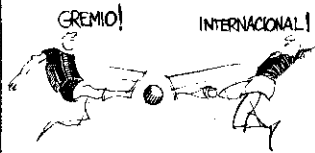
Eu — E essa medalhinha que o sr. tem aí?

S. s. — São Jorge. (Ele dá um beijinho nela).

Eu — O sr. é supersticioso?

S. s. — Como todo o brasileiro, né?

O homem tem razão: brasileiro é supersticioso paca, principalmente no futebol. Recordam quando o Brasil, em 66, foi para a Inglaterra? Pois os car-



tolas escolheram o mesmo avião que os havia levado para a Suécia e Chile. O pobre do avião já tava mais obsoleto que o 14-Bis, mas os caras queriam era aquilo. O comandante também teve que ser o mesmo, embora mione e neurótico. Na ocasião descobriram até que o Mário Américo, quando da ida pra

Suécia, em 58, tinha defecado logo depois que o avião levantou voo, justamente em cima do bairro de Bonsucesso. Foi a conta: o avião foi obrigado a fazer mais de doze voltas em cima do populoso subúrbio carioca até que o famoso massagista "desse a dele". Conto isso ao juiz e ele me responde inteligentemente:

S. s. — É. Brasileiro é fogo pressas coisas.

Eu — Sr. Juiz, e a mãe?

S. s. — Que mãe?

Eu — A sua.

S. s. — Vai bem, obrigado.

Eu — Pergunto como é que ela se sente ao ser tão esculhambada pela torcida?

S. s. — Mamãe já superou isso. Alô, sempre que acaba um jogo, vou logo pra perto dela.

Eu — Pagar promessa?

S. s. — Não. É que a torcida, durante os noventa minutos, manda insistentemente que a gente vá pra perto dela, né? Aquêlê negócio: "Olha aqui, ladrão, vai pra...". Ai, eu vou. A torcida é soberana. Ela paga.

Eu — Formidável senso profissional o seu. Agora me diga: e o jogo de domingo?

S. s. — Bem definido na frase mortal do sr. Ilo Meneghetti: "Grenal e Grenal". Isso diz tudo, né?

E, também achamos.

Dino Sani Quem é?

1 Dino Sani era muito mais simpático como jogador do que como técnico. Dentro do campo, camisa 5, conhecia tudo de futebol, brincava seriamente com a bola construía com seus passes a fama de muitos companheiros menos talentosos. Mais tarde, de terno e gravata, Dino virou um chato não muito competente. Do tempo em que dirigiu o Corinthians, lembramos com saudade alguns achados filosóficos que ele costumava repetir aos repórteres que cobriam o clube: «Futebol é onze contra onze e se decide no campo»; «Cada jogo é uma caixa de surpresas». Neste ponto, Dino foi coerente. A cada partida do Corinthians, percebia-se claramente que os jogadores só recebiam dois tipos de instrução: os de defesa, defendam; os de ataque, ataquem. E um último aviso geral: se possível, vençam o jogo.

GUI

3 Dino Sani nunca gostou de falar muito: nem de si nem de seu trabalho. E é por isso mesmo que ele pode ser considerado acima de tudo como um homem franco e honesto. Dino não é uma pessoa culta ou inteligente mas é um técnico de futebol e isso ninguém pode negar.

Agressivo, muitas vezes, antipático para a maioria dos repórteres, ele foi o técnico que mais tempo conseguiu permanecer no Corinthians, nos últimos anos. Um trabalho simples, sem muitas complicações que ele sempre explicava com frases ainda mais simples: «futebol é isso mesmo: são onze contra onze»; «não adianta eu falar como o time vai jogar porque chega na hora da partida, dá tudo errado e a gente é obrigado a transformar o time».

Quando saiu do Corinthians, muita gente pensava que os jogadores fossem ficar mais tranqüilos: para alguns, Dino Sani intimidava tanto os seus atletas que eles até tremiam quando faziam uma jogada errada. E eis que algum tempo depois, numa enquete feita entre os próprios jogadores corinthianos, Dino Sani recebia, ao lado de Baltazar, o maior número de votos para dirigir o time outra vez.

CASTILHOS

2 Dino Sani hoje é um homem rico, muito rico e talvez por isso o futebol deixou de ser um meio de vida, e sim um divertimento. Ele gosta de futebol, vibra com o futebol e se está bem no Internacional é porque descobriu no jogador gaúcho muito mais caráter, mais lealdade e principalmente, mais amor à camisa do que o jogador paulista ou carioca.

A simplicidade é a sua principal arma. É célebre o seu provérbio: «em futebol, ganha-se, perde-se ou empata-se». Não admite a malandragem de dirigentes, da imprensa e jogadores, mas tem um defeito terrível: julga-se auto-suficiente sob todos os aspectos e às vezes humilha as pessoas, simplesmente porque possui mais dinheiro, ante uma crítica ao seu trabalho.

Certa vez, dirigindo o Corinthians, disse que alguns repórteres iriam morrer de fome se acabasse o futebol. Recebeu como resposta de um deles: «Parece que quem ganhou dinheiro com os pés foi você e não nós». E, ao sair do Corinthians, teve uma briga séria com um jornalista, de sécos e pontapés.

VITAL BATTAGLIA

4 Dino Sani foi um dos únicos técnicos que o Corinthians já teve que não foi mandado embora do clube. Na última partida do campeonato paulista de 70, Dino chegou cedo ao Parque São Jorge — o Robertão começava no domingo seguinte — reuniu-se com os jogadores e simplesmente desejou boa sorte a todos. Achava que tinha feito seu trabalho e mesmo que continuasse dirigindo o time, mais nada poderia fazer para conseguir um título. Dino pode voltar para o Corinthians quando quiser. Seu prestígio junto aos jogadores é muito grande, perdendo apenas para Baltazar, antigo centroavante de 54, atualmente nas funções de auxiliar técnico. Como técnico, quase que não modificou a fórmula do Corinthians jogar. Em suas conversas com os jogadores, ele apenas pedia que cada um jogasse seu futebol, da maneira mais simples possível. Mas a sua fama no Parque São Jorge ficou como um homem que não gostava de tratar com a imprensa, preferindo frases que ficaram famosas e algumas delas, até hoje estão escritas numa das paredes das gerais: «Num jogo, se a gente não ganha, só resta empatar ou perder».

LUIS ANTONIO VITTA

O ÚNICO CAFÉ DE LONGO ALCANCE!



Café Pacheco lançou a mais moderna embalagem de café. Embalagem plástica industrializada à vácuo.

Conserva o aroma e sabor do café por muito mais tempo. Experimente e compreve.

EM TODOS OS SUPERMERCADOS, MERCARIAS E ARMAZENS.

Quando perguntarem: Mas qual é o teu café?

Responda: Pacheco, é claro.



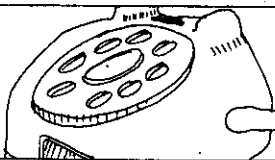
Industrializado por PACHECO SOUZA & CIA. LTDA. Rigorosamente dentro das normas do IBC e por moderno processo eletrônico. Endereço: Av. Ipiranga, 6907 - F. Alegre - Fone: 23-23-83

Gui, Vital, Castilhos e Vitta são da edição de Esportes

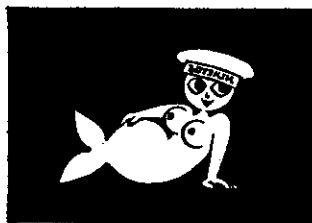
no Estadão e do Jornal da Tarde, de SP. Exclusivo para o Pato!

**BEBER
COMER**

AQUI O' A
Módreterminia:



PARA ANUNCIAR NESTA PÁGINA TELEFONA PARA 23-78-50



**encouraçado
butikin**

AV. INDEPENDÊNCIA, 936

BonnChopp
CERVEJARIA

av. Independência, 823 fone 24 50 69

Av. Independência, 908
Tel. 24-0793

BATISCAFO A
BOATE HOT
SUBIDA DO CRISTAL JACUÍ **289**

TRANSAS

HELGA
Cinema erótico? Pornográfico? Nada disso. Uma chateação, um lixo. Um filme calhorda que visa manter inaboliáveis os alicerces da tradicional família ocidental. Não vá ver nem de graça. Além disso, educação sexual por educação sexual há uma farta bibliografia sobre o assunto. (Marco Aurelio Barcellos.)



BIGODES
Juntos Chamaco e Claudio Ferlauto fazem uma revolução mexicana. (Nobre)

CANSAÇO

O Luiz Fernando Veríssimo deve andar muito cansado de tanto pensar. Na semana passada ele pediu minha coleção de Mad. emprestada. (Goidal)



Dica prós leitores do José Onofre: se vocês não conhecem o Stuart Heisler o criador do tão bem amado Tokia Joes, interpretado pelo Bogart, não percam a oportunidade de assistir dia 26, hoje no Canal 12, «CINZAS SEM GLÓRIA», um dos melhores filmes de Heisler em que Richard Basehart faz o Adolf, aquêto do bigodinho. (Tuio Becker).



SOU DIFERENTE DO LOI?

RECADO

Sou diferente do Coi. Ele sabe como fazer mas insiste em dizer que não tem nada pra contar. Eu desejo dizer e não sei como fazer. Gostaria de dizer coisas brincando. Que esta cidade oprime, embrutece, mas meu tempo de brincar já passou. Além disso o assunto já encheu o saco de quem ainda tem saco.

A marilene me escreveu: de Nova Iorque. Ela está apavorada com o desconhecido, a solidão da cidade enorme. Baixa. o pior acontece comigo: eu me assusto com o que conheço. (ELIANA)

Pois é...

FOFOCA

Um diálogo entrevidos no Estádio do Veludo:
— Por que o Keny Brago saiu de livramento?
— Não sei ainda. (MARC FERM)

P.S. — Esta dico mestre o maldade pasquiniana deste tal do Marc Ferm (Marcos Faerman).

na página
21
Veja o
Concurso
(com prêmio e tudo
mais)
que o Pato
está
lançando
neste número

**CHURRASCARIA
QUERO-QUERO**
com
Música ao vivo
todas as noites.
PRAÇA OTÁVIO
ROCHA N.º 47
TEL. 24-66-52.

café pacheco
O CAFÉ INCREMENTADO

**NEW
MANSÃO**

CANOAS

JOÃO PESSOA;
1269

BARTHO

SOM
IMPORTADO



EXPEDIENTE

EDITORES

Claudio Feriuto
Coi Lopes de Almeida
Luís Fernando Veríssimo

COLABORADORES

Carlos Nobre, Tatata Pimentel, Marcos Faerman, Moacir Scliar, Renato D'Arrigo, Ruy Carlos Ostermann, José Onofre, Harry Sabugosa, Odone Ribeiro, Venderlei Cunha, Silvio Back, Marco Aurélio Barcelos, Goida, Odette de Crécy, Augusto Portugal, Eliana Chaves, Vitor Vieira (de São Paulo), Maria Duhá (do Rio) e Juju Monster (de Nova Iorque)/TEXTOS: Assis Hoffmann, Luiz Carlos Fellizardo e Leonid Streliaev/FOTOGRAFIA: Joaquim ImFonseca, Beto Prado, Teodoro Busch, Levitan, Henrique Arnoldt, Nelson e Laerte/ILUSTRAÇÃO E CARTUNS.

PLANEJAMENTO GRÁFICO

IGNOVO Ltda.
IMPRESSO nas Oficinas da Gaúcha Gráfica Editora S/A.
Av. Ipiranga 1075, fone 23.42.66

Diretor Responsável
Luís Fernando Veríssimo
Um jornal de
GRAFFITE EDITORA S/A.
Diretores
Sergio Alves Rosa e
Renato D'Arrigo

PUBLICIDADE E CIRCULAÇÃO

Eloí Calente
Impacto Representações Ltda.
Av. José Bonifácio 595
fone 23.78.50

Moacir SCLAR

EXTRATOS DOS ANAIS DO PRIMEIRO CURSO RÁPIDO DE ATUALIZAÇÃO NA PROBLEMÁTICA DO MUNDO A TUAL (I)

O curso em epígrafe foi realizado em Amarillo, Texas, de 12 a 14 de abril; os Anais recentemente viram a luz. Dêstes, extralmos três excelentes trabalhos. O primeiro versa sobre um tema em evidência — histórias em quadrinhos — e traz a assinatura de A. Napp. No segundo, a ser publicado na próxima semana, ficaremos conhecendo um pouco a respeito da personalidade do astronauta Milton, visto pela ótica de seu companheiro R. Carl; e no terceiro o economista Roy Zuckerman faz alguns comentários sobre mercado de capitais. Esperamos que a leitura e a meditação destes inspirados trechos sejam para vocês a mesma excitante aventura intelectual que foi para nós. O Editor.

«As histórias em quadrinhos estão sendo reavaliadas e fala-se muito do poder dos heróis, mas que dizer de suas agruras?»

O Homem Invisível sofria de um forte sentimento de despersonalização. «Preciso tocar-me constantemente para constatar que estou presente no mundo, aqui e agora» — escreveu em seu diário. O Homem de Borracha comprava uma roupa num dia e no outro constatava que já não servia. Tinha encolhido e alargado — não a roupa, ele. O Príncipe Submarino sofria os horrores da poluição do mar. E que tentação, as Iscas saborosas! Felizmente conhecia bem anzóis e pescadores. O Tocha Humana era perseguido por sádicos com extintores, além de ser mal visto pelas companhias de seguros. Ai dêle se o vissem perto de um incêndio! O Sombra, que sabia do mal que se esconde nos corações humanos, era incomodado por hipocondríacos com mania de doenças cardíacas. O Zorro recebia propostas indecorosas de um homem que tinha fixação fetichista em objetos começando pela letra Z. Calunga era mal visto pelos partidários da «Indian Power». Lothar foi acusado de complô para apoderar-se do govãrno numa república africana. Capetô, o cão do Fantasma, foi recolhido duas vezes pela carroninha. Tarzan não podia nem ouvir falar em guaraná. Até hoje o Capitão Marvel se pergunta de que maneira Silvano foi admitido no Rotary, ao passo que ele recebia advertências das autoridades por perturbar o tráfego aéreo. Ninguém conseguia aplicar uma injeção no Super-Homem: as agulhas quebravam naquela pele de aço. «Um dia ainda morrerei por causa disso» — dizia tristemente, mas ninguém ligava às suas lamúrias: ficou provado que os heróis resistem à ação do tempo.»

(A. Napp. «Os heróis revisitados»)

semana do flash

10 pagamentos s/acrêscimo

torna claro

A cambial

torna seu

modal - Di. Nôva, 248
Mat. - Vig. José Igório, 241

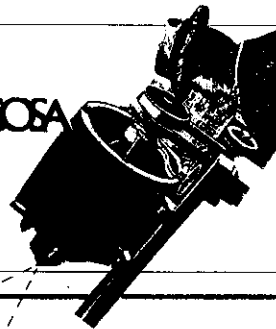


UM HOMEM CHAMADO



Um homem chamado Karl May, lembrei
já tratou de índios com nobreza e dignidade.
Pena o make-up da eurásiana Tsopel
afastar-nos anos-luz da realidade.
Embora a visão do cineasta refletisse ousadia e respeito
Aparecem no resultado traços rancorosos de preconceito

HARRY SARCOSA



CRÍTICO ATACA CACIQUE!

Fui ao Cacique esses dias e só não sai no meio da sessão porque o filme era do Mankiewicz. Acontece que a péssima qualidade da projeção é de arrabatar o saco de qualquer um. Afinal o que há com esses caras? Só porque dominam os cinemas da província, acham que podem tripudiar sobre o espectador? Assim não dá Seu Pinto! (Marco Aurélio Barcellos).



LA...

As primeiras vezes que fui a Montevideu, há quase dez anos atrás, ainda existia, na cidade velha, um cinema caindo aos pedaços, de péssima projeção, que era entretanto atração turística obrigatória. Chamava-se «Hindu» e exibia, livremente, películas curtas pornográficas, acompanhadas por um longa metragem comum. Cheguei a ver citações ao Cine Hindu em revistas francesas, pois tratava-se de um caso isolado, no mundo inteiro, naquela época. Uma mostra do liberalismo do governo uruguaio (não há censura no país vizinho), que se mantém, até hoje, inalterável em matéria de cinema. Tanto para o sexo como para a política.

O Hindu cerrou suas portas porque os filmezinhos que apresentava — cheguei a ver um programa — eram de inocua pornografia, anafrodísíacos por excelência. Depois, havia o cinema de gente séria, com lances críticos que no Brasil nos eram sempre negados. Como a nudez total de Brigitte Bardot na apresentação de «O Desprezo», de Godard. Como as cenas mais fortes de «O Adorado John» e «A Mulher da Areia». Isto nos filmes que foram exibidos aqui. Sem falar nos inéditos: «Jovens Afrodites», de Nikos Kondouros, sobre o despertar para o sexo de dois jovens adolescentes; «Fogos», de

Vilgot Sipman (o realizador de «Eu Sou Curioso», por coincidência, em exhibições no Uruguaí, a-gora!), mostrando o amor incestuoso de dois irmãos na Suécia do século XVIII; «Como Aprendi a Amar as Mulheres», película de uma realizadora finlandesa, cujo nome não me lembro, contando as primeiras experiências amorosas de um rapaz de 17 anos; «Matrimônio Perfeito, Vida Feliz», segunda parte de «O Matrimônio Perfeito» (exibido aqui com cortes e até um «Deliciosamente Amoral», com liberdades libérrimas «apelando» a todo vapor. A lista seria muito maior, quase exaustiva. Assim como certos filmes políticos, inéditos ou já proibidos aqui: «Z», «Zabriskie Point», «A Batalha da Argélia», «Fome», «A Flora dos Fornos», «Morangos de Sangue», «A Confissão» e «Investigação Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita». Deixa prá lá! O que nos interessa, no momento, é o sexo.

O Uruguaí continua sendo um dos poucos países no mundo capaz de aceitarem, com tranquilidade, o sexo no cinema. Seu público, assim como é politizado, é também esclarecido para os fatos da vida. Com naturalidade, os filmes mostram mais e mais, já chegando a cópula (figurada, naturalmente) em suas variantes

(«Camélia 2000», que vimos lá em abril) ou a quase pornografia pura, só que em cinemascopes e cores, de «O Animal Feminino», uma produção, pasmem, filmada na católica Espanha de Franco.

E o melhor: todo mundo tranqüilo no cinema, velhos e moços, homens e mulheres, casados e solteiros, tudo tranqüilo, nenhuma risada histórica ou expressões animalescas que costumamos ouvir aqui, quando apenas se sugerem relações carniais. Para o sexo, o mesmo respeito com que se encaram os filmes políticos.

Este amadurecimento é que nos causa inveja. Esta liberdade total para escolher filmes, livros, discos, peças de teatro e revistas. Algo que nos é negado, como se fossemos eternos adolescentes imaturos, incapazes de um discernimento político e sexual. Por estas e por outras que o Uruguaí, apesar de seus problemas econômicos, continua sendo um paraíso para os liberais, uma ilha dentro de um continente. Uma ilha onde se respira um ar livre da poluição das proibições (GOLDA)



AFRESCOS DE TICO SOLEDADE (O ZÓZIMO DA 7.ª ARTE...)

* Jean-Luc Godard havia largado o cinema comercial, criado o grupo «Dirige Vertov» e partido para filmar o «El Fatah» e uma biografia da Rosa Luxemburgo. Faltou grana e ele voltou a Opar. Reuniu, num filme, Yves Montand e Jane Fonda. Teremos, em nossas telas, o interessante diálogo entre a dissidência do pcf, a new left e o Pirandello de Peikin.

* Dizem que entre as «cabeças cortadas» estava a do próprio diretor, Glauber Rocha. O cara ia filmar «Quarup», mas não levou e quem vai para o Amazonas com o romance de Callado é o Ruy Guerra. Meu avô sempre me disse que de gênios incompreendidos o mundo está cheio. Ou pelo menos o saco.

* E o Cacá! Em plena maturidade criadora encanou com «Os Herdeiros». Dizem que o filme era tão ruim que ele, Cacá, passou a ser chamado, em certos círculos, de Cocó Diagues.

* «Uma arma para Johnny» (editado pela Civilização) está sendo filmado pelo próprio autor, Dalton Trumbo. Ele é roteirista e já fez belíssimos cenários para «Exodus», «Spitacus», «O Homem de Kiev» e outros. E da «old left», mas tem valor.

* Da «Old Left», também, é o Abraham Polonsky. Aquêlê semanarizinho do Rio informou que ele vai filmar a vida do Camilo Torres, segundo roteiro do Sartre e do Gerassi. O humor do Lessa é ainda uma das melhores coisas deste mundo.

NOVE, NOVE VEZES FORA: PELADOS

1. «A Guerra dos Pelados» é um momento de rutura: abaixo o cinema brasileiro conformista, mistificador, colaboracionista e falsamente engajado. (leia-se, abaixo "os paqueras" da vida e quase tudo do caquético cineminha novo rico).

2. Guerra é guerra: é um filme dentro, é um filme político de voo longo, nova substância, novo linguajar, não há tempo para tréguas.

3. Comunicação não é uma camisa de força, nem uma entidade abstrata. Eu não acredito em buxas. Os "pelados" falam com franqueza, destemor, lucidez e distanciamento.

4. Malakowski dixit: é mais importante dizer poucas coisas sem ambiguidade e vitais, do que tagarelar para poucos iniciados e impotentes.

5. «Quem de medo corre, de medo morre» (Vitorino — personagem de «Guerra»).

6. Esta é a estória dos marginalizados pela História. Uma guerra civil bem nossa, brasileira, sofrida, insólita, sangrenta, heróica, contemporânea, abatida & vilipendiada.

7. É um filme poético: a poesia do homem em ação, da natureza pródiga e cúmplice, a poesia da violência das convicções impercíveis.

8. «Quem não ajuda, estorva» (Adequado — mais realidade que ficção — personagem-vida de «Guerra»: um caiboclo guerrilheiro à moda da casa, implacável e justo, um visionário).

9. «A Guerra dos Pelados» — um grito solitário, um grito ressonante, a grande epopéia sulina, a saga da civilização catarinense, a verdade intemporal: bala de canhão mata o corpo, mas não mata a fé. SILVIO BACK

O CINEMA NESTA SEMANA

O PODER NEGRO: (Up Tight) de Jules Dassin, seu primeiro filme norte-americano depois das fofocas do macartismo. No Mini Baltimore

TRIÂNGULO FEMININO: (The Killing of Sister George) de Robert Aldrich e fotografia de Joseph Biroc. No Vogue, aquêlê cineminha simpático da Indepê

O CORUJO E A GATINHA: (The Owl and the Pussycat) o 2º longa de Herbert Ross, com Barbra Streisand, só podia ser no São João.

--- -- Não ver: Helga, "educação sexual" em cor de rosa. --- --

SERVIÇO

COMIDA & Cia.

SERVIÇO

Geral da Província

Muito importante. O milk-shake legítimo é sempre, SEMPRE, feito com sorvete de creme. Não importa o sabor. Varia o xarope — chocolate, morango, etc — mas nunca o sorvete. Em Porto Alegre, que eu saiba, só quem respeita essa regra fundamental é o «Joe's», ali no edifício Esplanada e no Centro Comercial da Azenha. Os outros mudam o sorvete de acordo com o sabor, o que é quase um reresia. (LFV)

MOCOTÓ

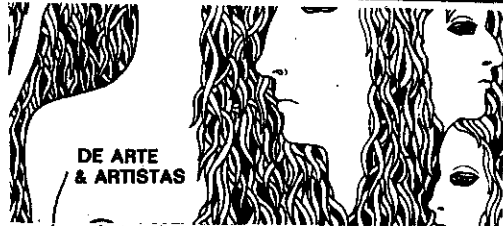
Carlos Nobre

Justiça seja feita: foi o Jorge Ben quem popularizou o mocotó que, embora sendo comida tão inocente, deu cana pro maestro Erlon Chaves, cujo confundiu mocotó com outra coisa e engrossou no Maracanzinho. Mas isso deixa pra lá.

O mocotó que o Jorge Ben popularizou, infelizmente, é o mocotó ao estilo carioca, isto é, uma porcaria que nem de longe pode ser comparado com o nosso, um mocotó sem jaça (aliás jaça parece ser a única coisa que ele não leva dentro). Mas como dizia o mocotó guanabarrino embora chamado mocotó, não é, justamente porque é um mocotó sem caldo, pelo que, pra mim, aquilo é um pirão de mondongo e outras porcarias. Enfim, mocotó bom no duro é o servido aqui. Famoso é do «China Gorda», todos os sábados ao meio-dia. O China é metuculoso na limpeza do seu mocotó que dizê, dêle não, do da vaca. Escova tudo muito bem para que não fique nenhum resquício de cocô vacum e depois serve quente. Outro bom mocotó da cidade é do «Pantaleão», também aos sábados. O «Pantaleão» fica na esquina da Oswaldo Aranha com a av. Cauduro e vale a pena ser comido.

Outro sensacional é o do «Bol na Brasa», também aos sábados. E o mocotó do «Bol na Brasa» tem uma vantagem: sempre que o prato é servido, consistente como ele só, Manuel Tavares, proprietário da casa, manda uma ambulância do Pronto Socorro Particular, com quem a casa tem convênio, ficar de plantão na porta.

Portanto, comer mocotó bom em Porto Alegre é facilímo, a não ser, é claro, que os ilustres patomachenses prefiram outras comidas, o que também é válido.



DE ARTE & ARTISTAS

As galerias de arte no portinho existem para que o Paulo Raymundo Gasparotto conte em suas crônicas quem foi visto em cada vernissage. As mostras, por isso mesmo, são restritas, exclusivas. Quadros famosos pra que ninguém compre. As vezes o Manoel Pedro (já tem mais de 400) levanta um ou outro. No mais as bonecas só aparecem pra sair na coluna do Gaspar.

Mas tem gente pela ai fazendo arte de verdade, sem chance de figurar nas galerias locais porque não são conhecidos. Agora a butique Bip-Bip, no Shopping Center, vai ser também mini-galeria. Pra começar lá estão os trabalhos de Antônio Carlos Silva (desenhos a nanquim), Luís Carlos Machado, Maria da Graça Magliani e Luís Carlos Gomes (desenhos a nanquim). Gente desconhecida por aqui mas com nome feito em centros menos provincianos. Carlos Gomes já ganhou menção honrosa na Bienal de Pizza e expôs seus trabalhos, juntamente com Antônio Carlos, na coletiva da Galeria Itália em São Paulo. Os trabalhos colocados na Bip-Bip são todos inéditos. Destinam-se a um público jovem, um público que não costuma frequentar as galerias tradicionais, porque não precisa badalar em coluna social. Os preços também estão na onda legal... (ELIANA CHAVES)



A carta de Lobato, ou Tarso de Castro já era

Gentes, em 1944 Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia cometeram a loucura de convencer outros oito acadêmicos e os dez juntos indicaram Monteiro Lobato para a Academia Brasileira de Letras. ML, um tremendo mau caráter dos bons passou a Cassiano e Menotti o seguinte telegrama: «Desde que conforme vocês me comunicam a iniciativa partiu espontaneamente do numeroso grupo de amigos e acadêmicos não poderia esquivar-me honrosa lembrança meu nome para suceder Alcides Maya na Academia».

Com o telegrama em mãos, Cassiano e Menotti oficializaram a indicação. ML foi eleito imortal e aí ventou na raia, recusando a entrar para a Academia. Cassiano e Menotti quase tiveram gêmeos e Olegário Mariano foi a São Paulo para tomar satisfações de Lobato. Então, Monteiro Lobato escreveu a seguinte carta a Cassiano, que é publicada pela primeira vez no livro Viagem no Tempo e no Espaço, memórias do considerado, edição da José Olympio (colher de chá pro Maurício Rosenblatt, em cuja residência se toma a melhor canja do sul do Mundo):

«Cassiano:

Sursum corda! O Mariano esteve cá ontem e contou-me que estavas muitíssimo aborrecido — venho explicar-me.

Chegaram-me ao ouvido tantas intrigas a propósito da minha entrada lá, que resolvi pôr fim à situação com um coice, mas estava a mil léguas de supor que las ficár assim tão magoado. Não culpe o Menotti. Ele fez tudo direitinho. O ruído, o peste, sou eu só. E sabe por quê? Porque não consigo levar a sério coisa nenhuma neste indecentíssimo mundo.

...e so vaidades e bobagenszinhas por fora. A humanidade: um sórdido formigueiro de trágicos pequenos bípedes a se agitarem num planetinha dos mais vagabundos, um milhão de vezes menor que o sol, o qual é outro pulgu no sistema onde há sóis um milhão de vezes (*) maior que ele. Tudo pulgas e pulgões. Tudo zero. Tudo nada. E tudo vaidade das vaidades. O Eclesiaste está certo — é a única coisa certa no mundo — a única coisa decente que o bichinho homem jamais escreveu. Tudo é vaidade e aflição de espírito.

Você está errado. Toma a sério demais coisas e bichos que não merecem ser tomados a sério. Toma a sério um planeta que no nosso próprio sistema planetário não passa de uma isca de pó. Abra um livro de astronomia e envergonhe-se de fazer parte do rebanho de pulgões que parasita essa isca de pó. Imortais, imortalidade, latas, instituições, reis, presidentes, Getúlio, Armando (*), Churchill, Stalin, Hitler, tãti quanti; pulguinhas magras convencidas de que são gordas. Literatura: bichinhos que dizem o que pensam de outros bichinhos. Tudo bicharia. Bicheira. Tudo bobagem. Fonha o Eclesiaste em teu criado-mudo e faça dêle teu livro de cabeceira — e ria-se comigo do sórdido rebanho que rola às cegas para o abismo da morte, um a falar mal do outro, um a aporrinhar o outro, a roubar o outro, a enganar o outro, a disputar latas vazias, etc. etc.

Mude ponto de vista e sararás — e rirás do que agora te faz sofrer. Dispa as grandes gentes e veja como são grotescas.

Vanitas vanitatem. Tudo é vaidade e aflição do espírito. Distribua um cacho de bananas para os imortais que te aporrinharem por causa do Lobato e ria-se, e vá lavar a alma com um chope no Simpatia (*). Tome um por você é outro por mim — dos grandes. E ria-se, ria-se, pois só o riso nos salva.

E toca o bonde, Cassiano. E nunca mais seja fiador de ninguém. Não endosse letras nem para Cristo...

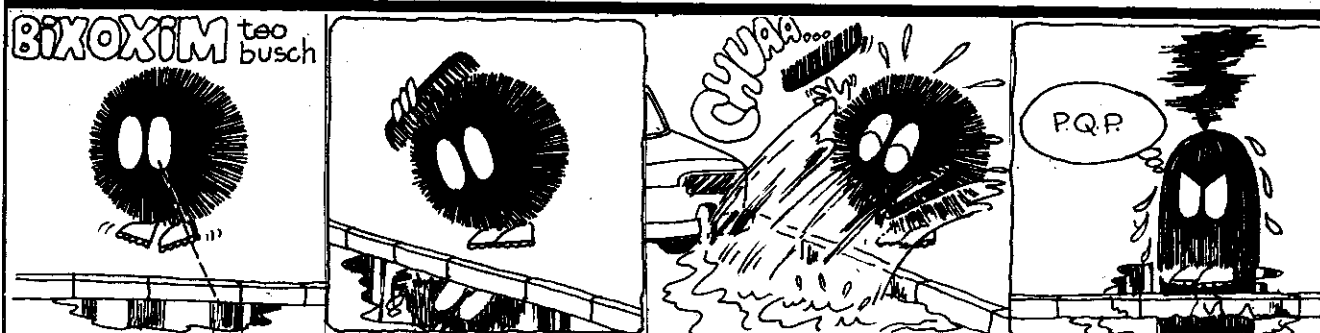
Adeus, adeus...

A carta de Lobato é datada de 11 de outubro de 1944. Por isto é que eu sentenço que o Tarso de Castro já era.

Asteriscos:

- 1 — Cassiano, no seu livro, escreveu um sic, para gozar o erro de concordância do Lobato;
- 2 — Armando é o Armando de Salles Oliveira, que foi candidato à Presidência em 1937, cuja vitória era certa e por isto o doutor Getúlio deu o golpe;
- 3 — Brama era o Restaurante Brahma, na Galeria Cruzeiro, edifício do Hotel Avenida, onde hoje se encontra o edifício Avenida Central, na Rio Branco. Jantava-se ao som de um quarteto de cordas e foi ali que o doutor Manoel Pedro Leão dos Reis disputou com o general Flóres da Cunha os favôres da Josephine Baker;
- 4 — Simpatia, bar da Galeria Cruzeiro que só fechava uma vez por ano, por ocasião da procissão do Senhor Morto, na Sexta-Feira Santa e onde os gaúchos que chegaram ao Rio em 30, enquanto esperavam as bócas da Revolução, comiam bife-de-chateira: meia taça sem leite, pão nem manteiga.

Charles De Carpentaria



Semana passada. Um carro branco, ou não seria? passou, mais do que passar, cortou minha frente. Nêta a beleza loira de Yolanda. Toquei em frente, tentei, mas só na praça Julio, a chance. Chance? bulhufas, ela nem ligou. Nem poderia. Naquele dia morreu Nazareh — amigo do Dirceu Spertotto, que numa mesa do Butikin, em mantô branco reluzente, pensou ofuscar-me, não: não era paquera. Simplesmente ofuscação. Yolanda chorou o morto, dileto amigo esquecido por necessidade familiar. O Butikin aquela noite estêve mais triste, nem fui desceu escadas que lembram Lelna Krespi. Ficou lambendo seus dalmatas — babericando junto ao Tatiata — relembando as inesquecíveis festas alegóricas em casa do morto recente. Elifás agonizante deixou perplexas garotinhas cheias de desejos reabilitantes. Não foi dessa vez! cabelinhos continuarão sendo cortados mais dia me-

nos dia. A Maria Teresa Eli rejubilou-se, não precisará recorrer ao Fernando para ajeitar seus cachos. Legal! Uma invasão de anciões conseguiu ludibriar o porteiro; só Alvacir deslumbrou-se. Afinal Chiva's falsificado sempre dá mais tutu que o Drury's da garotada. Depois adentraram o recinto, cheio de luzes milcoloridas, os coboys, gente de sempre, barbas, hot-pants, colares e chapéus exóticos. Lá fora a lua estava chela da vida. Cara redonda olhando quem saía sem dar gorjeta ao porteiro. Na música, o som louco do Giba, um tornado sem os 30 centímetros. Ninguém viu ninguém naquela triste noite de sábado porque não havia ninguém pra ser visto. A lua de cara chela contentou-se com o doutor Beregheray, que fazia ponto no Barroquinho. A indepê enlutada por Nazareh soluçava, enquanto na Tia Dulce sopas faziam

chorar até mesmo aqueles que nunca falaram na alta costura. Em meus sonhos de sábado. Cristina desfilou em baby-doll, branco, quase transparente. Cabelos dourados caindo sobre ombros de seios pequenos. Ela passava, lentamente, numa passarela bordada de não-sei-o-que, afinal, tudo foi um sonho, não tenho a mínima obrigação de saber detalhes. Passava, passava, atormentando minha ressaca, acordel. Olhei para os lados e havia escuridão. No céu a lua continuava chela, enorme, ainda sorria. Cristina travestiu-se, de Yolanda aquela do começo da estória, lembram? Num espaço/tempo diferente, na passarela do Nazareh. Nunca mais dormi naquela noite. Fui assistir o sol nascer na Carlos Gomes; levantando-se entre os plátanos da alameda Coelho Neto e Eliana, que escondia, no sono, seus olhos muito azuis. O domingo já era, a vida pra Nazareh também.



TAPIN

E'

br. na co: co: te sempre uma g que me oferecest: um destile especi nossa despedida.

E agora, ninq: aquêlo Frango u

E nossas fes: povo comendo s: secando o Vat-69: franco?

Foto: Diana Franchetto/Macalanda



UMA VIAGEM NO FOG CARIOCA

Nelson aproximava-se de Waterloo, cinco generais franceses entreolharam-se. Napoleão, irreconhecível, casaco desabotoado, sem chapéu tradicional, usava boina de feltro negro. Os poucos cabelos que lhe restavam não mais caíam sobre seus olhos. Uma das botas, de cano longo, estava cortada, por uma fresta apareciam as meias cinzentas. O barro transformara suas calças brancas. Um olhar cansado, inteligente, interrogava. Qual a razão do erro? Sentia-nunca culpado. Sabia há muito, exatamente 170 anos depois, o que haveria de ocorrer ali, em terras belgas. Nelson temeroso recuou a metade da esquadra. Um queria afrontar o corso, mal sabendo quão fraco estava o pequeno Napoleão. A Córsega nunca estivera tão longê, Santa Helena tão próxima. Quando senti o primeiro tiro de uma das naves corri para a tenda do mare-

chal. Sabia que poderia evitar aquela derrota, conhecia os planos de Nelson com uma antecipação de quase dois séculos. O charme do herói derrotado comovera-me. Eu ia comemorar a falhar quando Fabiola muda de estação. Saímos da Rádio Ministério de Educação — que transmitia um programa curso madureza — para a Mundial. A batalha de Waterloo haveria de terminar com a inapelável derrota dos franceses. Napoleão seria desterrado. Eu poderia ter mudado o curso da história. Tudo fôra uma questão de km., dos 750 para os 860. Até hoje tenho a certeza de que se Fabiola não tivesse trocado de estação Napoleão não cairia em



Waterloo. A Inglaterra teria sucumbido diante do exército rubro-anil. Não haveria os Estados Unidos, não seríamos colônia, nem subdesenvolvidos. Eu poderia ter modificado o curso da civilização ocidental. Evitando a bomba de Hiroshi-

ma, o Vietnã, Nixon, João XXIII, Cassius Clay, Yushtrich e Sérgio Sgrillo. O mundo estaria livre, para sempre do capitalismo, do socialismo, Che Guevara, o médico que a mãe dêle sempre desejou. Não fôse a troca da Ministério de Educação pela Mundial! No fim eu acabei dormindo com a Renata Sorrah. Ou nem seria ela? Seria Ellis. Madalena, Fabiola? A música era do Ivan Lins..



NAZAREH

O costureiro Nazareh, falecido na semana passada, antes de bater no caminhão que vitimou, ele e seus acompanhantes, havia sido acometido de um enfarte do miocárdio, conforme constataram os médicos que realizaram a autópsia no morto. Nazareh ao sentir o mal súbito caiu sobre o manequim que viajava a seu lado. Sua perna ficou presa no acelerador. O chofer do caminhão nada pode fazer. Ao ver o Dodge desgovernado, vindo em sua direção, tentou desviar, mas era tarde. Um barranco impediu a manobra do caminhão. (ODETE GALVAO)



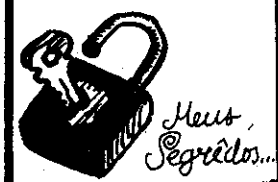
Ruy Sommer não larga mais o mocotô do Carlos Heitor. Já despediu a empregada, e será acionista dos ajamarrados da Cantina da Villa.

UI!

Fernanda Shenô te te. Quem conta é o do orgulho!

No sítio do Ruy Sommer acharam um filhote de sucuri (diz êle...)

Sérgio Sgrillo será modelo da revista A Cigarra em Poços de Caldas ferventes. Foi duríssima aparada: Dona Sheila Baron em frente a Maria leda Vargas.



Marcio e Duch ves Barcellos não mais o Barriquin! bém pudera com domingo, a gente segue se esquent pa do Zé Mauro, dico a de ervilha que Zé Mauro mandar a Grande tender imediatan Barriquinho, a ca rece ela.



CHICO DE BUARQUE A HOLANDA

Muito pouca gente na primeira noite mas muito boa gente na segunda. O repertório dos grandes sucessos e mais alguma coisa nova de parceria com Vinícius. MPB4 meio que não se entendia e se perdia na música. Chico não liga, vai sozinho. Depois do violão nada mais existe para êle. Não é cantor nem show. A música de Chico e puríssima e autêntica não precisaria nem luz colorida. Sua música tem de ser pensada e muito, não é comercial, não pode ser de parada de sucessos. É uma música essencial.



ALCEBIÁDES, SEM ESSA DI VIVER SALTANDO! NUNCA LESTE MELURAN? VOCÊ..



..DEVE USAR SUAS EXTENSÕES QUE SÃO RI



TATATA DIMENTEI.

Tchau Nazaré!

E' Nazaré, aqui é o abraço do povo do jornal. Foste um dos poucos que sempre nos compreendeu. Me dessempre uma grande força. No chá me ofereceste sexta-feira, e fizeste desfile especial para eu ver, foi a sa despedida.

E agora, ninguém mais sabê fazer oê Frango na Fúcara?

E nossas festas Nazaré? Aquêlê o comendo sardinha portuguesa e ando o Vat-69? E nossas aulas de notês?

Não tem importância. Continuarás costurando. Ninguém fará melhor que tu as camisolas de anjo, é claro que não usarás cetim duquesa azul, teu material era sempre importado. A Virgem te encomendará um chanel, e pela primeira vez em tuide. Vê se inventa uma outra coisa para São Jorge no lugar daquela incômoda armadura. Modelos para o desfile abundarão, aí tem as onze mil virgens e os anjos. Mas como dizem que no céu é sempre primavera, deixarás de lado aquelas goias de raposa e aquêles punhos de vison, é pena...

Agora, em vez de receberes a mim para os jantares e os chás poderás convidar CoCo Chanel, o Jacques Fath, o

Dior e o pape será muito melhor, mas não começa a contar muita vantagem...

Sempre comentavas a tua despedida desta terra, e ela foi como tu querias, os amigos mesmo te esperaram: era noite, era sábado e era frio, mas lá ficamos. Eu te ajudel a subir, jamais havias pensado nisto, não é?

E teu povo, Nazaré, teu jardineiro, teus costureiros, teu mordomo, tuas empregadas, teus modelos, todos lá.

Tudo que imaginavas de Dona Edy Noronha e de Baron e Sheila era verdade, eu vi. Eram mesmo teus grandes amigos. E além disto mais uma meia dúzia, somente. Viste as flôres

que Dona Mary Steigleder te mandou, lástima que não foram colocadas naqueles vasos de porcelana que possuas.

Gozado Nazaré, tu eras muito mais importante que imaginavas... E agora a Câmara da Alta Costura, os Desfiles de Fantasia do Petrôpole, e principalmente tua mansão da Mariana 21 vai desaparecer, não mais festas alegres nem fados, nem aquêlê banheiro de mármore preto e rosa, que chamavas de vedete aposentada.

Pelo menos teu relógio francês continuará soando nos quartos de hora, mas desta vez a casa estará vazia.

UI!

anda Gheño tem hepati- em conta é o pai cheio julho?

E como Carlos Heitor sempre é notícia, experimentem na casa dele o tal do Leite de Cabelo, com pinhão nas costas. Tem também uma forja de Vulcano no meio do pátio. Escrevam, a casa ainda será do arco.



GENTE QUE FOI VER E SER VISTA NO CHICO

A única de classe internacional, das gaúchas, Dona Lúcia Tostes Alencar Chaves Barcellos. E o grande grupo das minhas, agora amigas, que sempre foram, mas não eram até bem pouco tempo (entenderam?): Dona Lalá, que era Aranha quando universitária, colega de Letras da UFRGS, quando fazia testes sobre José Cândido de Carvalho (não confundir com 'Cândida Amiga') e seu livro "O Coronel e o Lobisomem". Agora Santos de Araújo. De negro com "perlas" na mesa de pista. Dona Vera, que quando o Clube do Comércio era Chic, se chamava Corte Real e agora no Butikín, é Garcia. Com que de Tereza de Souza Campos, era gaze das mais vermelhas. Prima de Negro Calefi, segundo ele conta!

José Mauro insufla nova vida no Barroquinho, inventou agora hortaliças com vegetais dentro de míseros pães de cachorro. Já tem o quentão em homenagem a Dona Marília Guaspari. Tem o Shazam-Burger, em homenagem a Cristina Burger.



A namorada do Duchén é uma das meninas mais simpáticas que vi.

E por que Dona Elizabeth Chaves Barcellos não foi? E Dona Marília Agrifólio com o Dr. Paulo? E Dona Vera Vargas, onde estava?



SUAS RODAS QUE SÃO AS RODAS!

RODAS SIGNIFICAM AUTOMOVEIS!

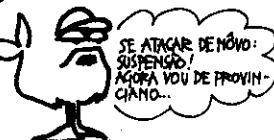


..E AUTOMÓVEL SIGNIFICA CABINETE PREZIDENTE 2007!



JÓIAS DO PENSAMENTO GUAIBENSE
e a nova miss Guaíba/Nobre.

Charles
O NOBRE



O tráfego em ordem foi mantido, os motoristas não permitiram que os policiais encarregados do trânsito provocassem nenhum engarrafamento.

Até agora não vi nada mais mentiroso que o ditado «Aqui se faz, aqui se paga». Já fiz uma porção de matérias pro Patomacho e até agora não me pagaram bulhufas.



Miss Guaíba/Nobre

Foto Lui/Paris

Boceja na Independência o último pôrto-alegrense que passou a noite toda fazendo esforço para ser boêmio.

Agora estão dizendo que o nosso jornal não agride como antes. Claro que não. A gente não é bêsta nem nada.

PA+OTIME RODRIX

VITOR VIEIRA
Sucursal São Paulo

Quando a gente fez aquele Festival Universitário em Porto Alegre, todo mundo sentiu o clima que tinha lá... Aquela porrada do Português na cuca do Geraldo Flach, aquilo estava na luta do pessoal elétrico contra o pessoal pratasex. O negócio passou para o nível de agressão pessoal mesmo. O rapaz, eu não falava destas coisas há muito tempo, tinha até esquecido de Porto Alegre. Agora eu abri a comporta e está saindo tudo de montão. Por causa daquele clima, a luta entre as duas tendências ficou terrível. Naquele festival, o pratasex não teve vez porque aquele festival era por definição um festival a fim de uma zona, de uma abertura da música brasileira. O festival era unilateral para o lado de cá.

Então, quando cheguei ao Rio de Janeiro, fiquei escondido na casa de minha mãe. Fiquei três meses escondido. Quando foi no fim de dezembro, Natal, coisa e tal, eu saí um dia na rua, encontrei um amigo meu, que tinha sido do Quarteto — então, como vai — eles estavam indo para o México. Perguntei onde é o ponto dos músicos agora, e ele falou que era no Sachinha — isto é no fim de 69. Ai eu passei a ir ao Sachinha. Ai aconteceu um negócio muito engraçado. Eu tinha sacado uma outra, musicalmente uma outra, e mesmo outra estrutura comercial. Mas ai eu senti um negócio muito estranho, que as pessoas não estavam a fim, sabe? De repente eu me vi num grilo enorme — não sabia se queria ser amigo das pessoas, ai eu sumi, e quando voltei as pessoas já estavam mais calmas porque já tinha acabado aquele grande grilo de Porto Alegre. Foi então que começou a haver uma troca. Comecei a conhecer gente muito boa, descobri Deus, inclusive, é uma ótima pessoa, posso garantir. E pintou a oportunidade do show do Milton Nascimento, o rapaz, José Mintzen, produtor do show, na época nós éramos muito amigos, morávamos juntos. Ele me disse: você vai fazer, e eu disse: eu vou fazer mas o Tavito também vai. Depois a gente sacou um trio. Vamos fazer um trio base e a gente sacou o Vagner. Nesta época o Sandir, que está tocando tumbadora com o Sérgio Mendes tocou com a gente também. O conjunto era percussão, bateria, órgão e flauta, sem uma guitarra, um baixo e um piano. Perfeito, a gente foi fazendo, a gente entrou naquela de tocar para fazer o show. Então deram um nome para o conjunto e eu disse: que ótimo, o conjunto vai ter um nome neste show. E ai, rapaz, aconteceu uma coisa muito estranha: este conjunto a gente não fez, ele aconteceu.



Rodrix no Festival Universitário do MFA

Tava acontecido, e as pessoas chamando a gente: olha, vem aqui... A gente falou um dia: a gente já é um conjunto, que coisa estranha, mas as coisas não estavam definidas. Um dia, a gente ia para a sucata e sentiu a necessidade de uma guitarra, a gente cortou a parte de percussão de nosso conjunto e colocou mais uma guitarra — ficou com mais peso, mais elétrico. Fomos a Belo Horizonte com o Milton Nascimento, e na volta gravamos nosso disco que vendeu dez mil num país em que disco que estoura vende cinco. Hoje, acho que o disco não é aquilo, apesar de ser muito bom, mas o legal foi que botamos a banda na rua. Não é um disco definido, nós só botamos a banda na rua, para a turma saber que tem mais que tem uma banda aí. Viemos para São Paulo fazer o show com o Milton, e a nossa tendência foi se modificando para um tipo de música séria, menos lé-lé-lé. Ai aconteceu um negócio muito bom, que a música brasileira passou pelo fenômeno da eletrificação, saiu das mãos dos músicos. Ficou nas mãos de um monte de gente que não era definitivamente músico, mas transava com música porque transava com instrumento elétrico, então você tinha que passar pelas pessoas.

Então a gente saiu do esquema popular, por assim dizer. A gente foi o primeiro conjunto brasileiro a trabalhar com o Free, o Free Sound, uma tendência do jazz, um tipo de composição instantânea — é o correspondente exato da música aleatória na música erudita. Inclusive a gente abriu caminho para muita coisa; a nossa instrumentação provou ser uma instrumentação eficaz, e nossa filosofia foi mudando. Agora, a gente está fazendo o show com a Gal, para nós já é uma concessão, porque a gente está trabalhando num sentido mais erudito. Mais erudito no sentido... Para nós é mais importante fazer obras de fôlego do que estar tocando uma musiquinha, depois outra, depois outra. E é isso aí.

Eu adoro o trabalho da Gal, de tudo que se vende em matéria de arte, é o produto de melhor qualidade: é um produto que tem uma base filosófica sólida, não é qualquer coisa. Não é qualquer coisa, como aquele negócio tucano do Ivã Lins, que é meu amigo pessoal, mas que acho ruim. Ele faz coisas boas, mas as pessoas só mostram dele as coisas ruins. Se a gente gosta da Gal, por que creio que trabalhar com ela é concessão? Veja, nós fizemos a estréia mundial de nosso concerto no

programa chamado Música Pro Música, um programa que vai pra todo o Brasil, deve ter passado em Porto Alegre. A gente foi para lá, meio-dia, domingo, é um programa bem visto pelos que gostam de música erudita. Foi o melhor som que apareceu em televisão, porque nós chegamos às 8 da manhã e ficamos ensaiando até o meio-dia; ficamos até o meio-dia assim. O auditório estava lotado de gente a fim de curtir aquele som, então, não tinha letra nem nada, ninguém queria saber se era um negócio popular ou não, então o que importa é a honestidade do teu trabalho. Nós vamos fazer nosso segundo LP agora, a gente deve gravar este concerto, a gente já gravou um disco com a Odeon com quatro conjuntos, chamado Undergroud — os outros conjuntos eram Som Imaginário, Equipe Mercado, a Tribo, e o Módulo Mil. Estes conjuntos estão raciocinando mais ou menos juntos — terminar com as barreiras, a música não precisa ter três minutos certos, começo e fim definido, entende? Música é um negócio que você vai entrar dentro do estúdio, e vai curtir a tua possibilidade de trabalho até o fim. A gente descobriu que este tipo de trabalho é consumível, inclusive vai ser um disco muito tranquilo, sabe, porque a violência sonora já não nos satisfaz tanto. A gente vai procurar o equilíbrio material tendo em vista o nosso desenvolvimento espiritual. Realmente, o nosso trabalho tem em vista o desenvolvimento espiritual de todo mundo. Todas estas coisas eu falo em nome do Conjunto, apesar de sermos os seis bem diferentes, em tudo, somos diferentes, mas os pontos em que a gente se firma como uma coisa são aquelas que fazem a gente ser um conjunto. A primeira vez que nós ensaiamos na vida foi para fazer este concerto. O nosso disco fizemos em quatro dias. Entramos dentro do estúdio sem nada, fizemos tudo, inclusive as músicas dentro do estúdio, terminamos nosso trabalho e fomos embora. Tem que fazer um disco, então a gente vai fazer como sabe. Para nós está provado que o melhor método de trabalho é da criação na hora. Estamos pensando em dar um concerto de música de vanguarda no Municipal ou no Cecília Meireles, e já estamos até escrevendo. Parece que isto que estamos escrevendo será o Descobrimto do Brasil, uma obra erudita de fôlego. Por enquanto a gente não tem muitas idéias sobre este concerto, a gente tem simplesmente umas coisas harmônicas, a gente tem idéia de trabalhar com o Quinteto Vila Lobos, mas isto são idéias que estão muito longe. Vocês devem estar estranhando que eu falo muito na palavra fôlego. Vou explicar: no Brasil aconteceu uma coisa muito estranha, que o

O ZEPPELIN ESTÁ ACABANDO, NÃO É UMA PENIA?

Minha caminhada em direção ao Led Zeppelin começou pelo baterista John Bonham, se bem me lembro, foi há um ano: o José Antunes, divulgador da CBD, trouxe o disco e mandou que eu escutasse «Moby Dick». Mas solo de bateria (vício virtuosístico que o jazz emprestou à música popular) não chega a ser uma das coisas que mais me sensibilizam e, contribuindo para a decepção desse primeiro contato,

lá estava o Bonham — feliz da vida —, dando tremenda surra em seus tambores de couro de antlope. A impressão foi péssima e logo lembrei de Ginger Baker, Mitch Mitchell, Gene Krupa, Mutinho, Buddy Rich e até do Ringo Starr, todos bons mas todos iguais atrás dessas passadas «locomotivas» que só funcionam mesmo em picadeiro de circo e durante o número do trapézio. Mas, depois, escutei «Whole Lotta Love» e descobri a estupenda guitarra do Jimmy Page, sua rara e encantadora acústica (talvez só Harrison & Hendrix conseguiram tirar do instrumento sons ainda mais ricos) e o robusto baixo do John Paul Jones, sem falar na voz do



Plant (Robert), um «baita-cantor. A música era de ótima qualidade e acabou preenchendo boa parte de meus programas de rádio daí em diante. Com o Zeppelin, o rock ganhou suspense: largas improvisações adornadas pela melhor técnica, vigorosos intervalos melódicos em que o nível dos compositores (quase sempre Plant & Page) garantia a criatividade e a precisa demonstração de força de cada canção do repertório, sem a menor concessão aos manjandíssimos macêtes «eletrônicos» da maioria dessas subgroups que ainda poluem, e com insistência, nossos ouvidos. Acho, aliás, que o trabalho do conjunto se distinguiu exatamente pela

PATOTIME RODRIX

negócio da Era Aquarius no Brasil. Aqui, como nos Estados Unidos, foi uma mentira, o negócio da Era Aquarius. Você vê, é tudo um negócio a partir de uma teoria de contracultura. Se você for assumir a contracultura como uma outra qualquer, negando a que está, e não como um sarro, você está negando a própria contracultura. A contracultura é simplesmente um sarro, porque a cultura é um acosa estratificada, se você estratificar a contracultura, ela se nega, e perde sua característica principal, que é a de sarro. O mesmo trabalho é isso, primordialmente um sarro. Você vê Woodstock no Brasil, foi uma mentira... Teve um programa na TV Tupi, A Onda, que queria reeditar o fenômeno Woodstock e não conseguiu, porque aqui o público está se lichando para aquele negócio de ficar sentado no chão três dias, vendo música. O pessoal quer ver música, mas este não é o jeito. O Som Livre também engana, porque ele é feito em tape, e o público reage da maneira mais fria, aí eles dizem, pelo amor de Deus, batam palmas, e o pessoal bate palmas. Esta vibração tipo Woodstock, não existe, então a gente quer sair deste clima. A gente não quer participar da estratificação da contracultura, quer que ela continue um sarro até o fim da vida, este sarro a gente não quer deixar de jeito nenhum, não quer deixar nosso sarro ser vendido, empacotado.

Nós achamos, repito que este negócio de música popular e de música erudita não existe, assim como não existe este negócio de música brasileira e a outra coisa, como a TV Record insiste em fazer. Não existe mais — é tudo uma coisa só.

A ausência de Caetano criou um grande vazio; dali lá sair uma nova poética brasileira, e eu considero o som uma parte desta poética — este trabalho foi truncado e você vê, o Ivã Lins veio numa hora muito boa, se você notar bem, o Ivã Lins é o Caetano Veloso carêta. É esta pelo menos a imagem que queremos fazer dele. Eles criam para ele toda uma imagem, aquela coisa toda, mas sem a ligação, sem a abertura, sem aquele nível de criação, que é exatamente o que não interessa existir para quem está fazendo a imagem do Ivã Lins. Estão ganhando muito dinheiro e isto é bom porque abre o mercado de trabalho, o que é importante no Brasil. Pelo menos no Rio e em São Paulo existe hoje este mercado de trabalho. No Rio e em São Paulo as pessoas não estão entendendo nada, apesar de no Rio as pessoas serem mais



Caetano Veloso tocando guitarra

simpáticas. Aqui em São Paulo eles chegam arrastando os pés e vão embora arrastando os pés, e no fim foi um dia chato porque eles perderam a novela deles, entende? O show da Gal? Eles gostam muito mas o que eles não conseguem é reagir. O público brasileiro aprendeu a ouvir música e não aplaudir, porque ele vê na televisão, então nunca bate palmas para nada. Mas o show da Gal tem problemas de comunicação com o público, porque tem uma estrutura fria — ela quis fazer um negócio completamente oposto ao outro, que tinha psicodelismo e não funcionou. Resolveu fazer uma jogada completamente inversa. Por que o carioca aplaude e o paulista não? Não sei, rapaz, acho que é só olhar para a cidade para ver. Esta cidade para mim só tinha um jeito, você chegar no Vale do Anhangabau, e um defumador espiritual ascender, e dar uma defumada geral na cidade, porque é a cidade mais carregada que vi na minha vida, mais carregada até do que Porto Alegre. Consegue ser mais carregada do que Porto Alegre, e Porto Alegre é braba, heim? A água é muito importante, dá uma abertura, e Porto Alegre tem o rio... Eu aqui estou andando de carro, entro numa rua, e tenho a sensação que vou encontrar o mar, e não encon-

tro, bicho, encontro só uma barreira de edifícios. Porto Alegre, não, lá tem um rio, mas isso já dá uma saída um pouco melhor. Curitiba, você não vê coisa pior do que Curitiba. Curitiba tem até um negócio que me choca, a acepa de Curitiba. Curitiba parece um hospital, tudo branco, com enfermeiras. Você joga um cigarro na rua, vem um sujeito, faz chili, agarra o cigarro e joga numa lata de lixo. Curitiba é um hospital. Porto Alegre, não, é uma cidade cinza, cansada, as pessoas muito lentas em Porto Alegre. No meu tempo, há dois anos atrás, tinha bondê, e o bonde parava e o sujeito perguntava: escuta, este bonde vai para Teresópolis, e o camarada respondia: heim? Tinha que perguntar para cinco pessoas, até aparecer um mais ligado e responder, porque o primeiro nunca responde — as pessoas são muito lentas. A gente sempre perdia o bonde com isto.

(O Vitor, que está fazendo a entrevista, olha para Rodrix, e exclama: **É TÁ MUITO MALUCO** — e dá uma risada).

Não, eu não estou não, eu já estive muito maluco. Quando passei em Porto Alegre, você lembra de mim, eu era um camarada muito louco. Hoje, não. Sou uma das pessoas mais tranquilas que você pode encontrar. Eu casei, estou esperando um filho, gosto muito disso, não há coisa melhor, estabilidade emocional, morar numa casa que eu gosto, tenho uma estabilidade espiritual também, e não estou vivendo o clima de aspirações exageradas como em todo o Brasil (Porto Alegre não sei como está), mas no Rio qualquer pessoa que aparece eles entram. Tudo isso vai prejudicando as pessoas, porque a saída para o homem está dentro dele mesmo. Se você não utilizar todo o teu potencial, e só ele, você acaba se prejudicando de uma maneira total.

Eu tenho lido muita ficção científica e muita religião, porque eu sou umbandista, sou filho de Deus. É exatamente esta que eu falei que descobri Deus, e eu descobri, ou fui descoberto por ele. Deus pintou e disse: eu estou aqui, bicho. Eu não acreditava muito até Deus scortecer dentro de mim. Inclusive eu misturo muito a ficção científica que eu leio com estas obras religiosas. Eu leio de tudo, Tio Patinhas, qualquer jornal que pinta, o que tem. Eu tenho pra lá de cinco mil volumes. Eu sou daquele tipo que chega na livraria com uma mala e diz: enche aí. Me dá dois metros de livros, entende, porque eu leio de tudo. Só tenho um certo conceito que me impede de ler coisas muito ruins — José Mauro Vasconcelos,

por exemplo, que a gente lê o primeiro capítulo e já vê qual é o caso. Mas a gente tem discutido muito e isto é muito mais importante do que você ler. A informação que está nos livros já foi codificada e eu estou me preocupando com a informação por codificar, e esta informação está dentro das pessoas. Mas você já pensou se toda a informação que eu acumulei com 23 anos, ficasse ligada como uma coisa só? O que nós estamos procurando é exatamente isto, um elo entre as coisas, porque achando este elo a gente vai fazer que todas as coisas sejam uma só, e a gente vai fazer nosso grupo ficar inteiro, e a gente vai se integrar na energia maior. Eu tenho conversado muito destas coisas com minha mulher, que é uma pessoa maravilhosa. Há seis anos atrás, ela era Beatlemaniaca, ela disse: sabe do que mais, se eu gosto tanto dos caras, por que não vou vê-los? Então pegou um avião e foi a Londres, onde trabalhou muito tempo. Mas eu só tenho falado com gente tranqüila, pessoa que falar mais de sessenta palavras por minuto, pego meu bonê e vou embora. Tem muita gente que não está conseguindo grudar coisa com coisa. E eu estou pensando em somar coisa com coisa. Muita gente não está se comunicando — existe uma crise de comunicação no país, que me perdeu o Ministério da Comunicação — porque as pessoas que se comunicam estão numa de experimentação mental e física ruim, porque elas vão se gastando.

Você quer saber mais de Porto Alegre. Olha, se tivesse saído o aquele jornal, não sei se saiu (Rodrix está falando no ZERO HORA DOMINICAL) teria realmente sido o melhor jornal do Brasil, e quem estaria fazendo o Pasquim seriamos nós. — Estou falando da importância que o Pasquim tem em termos de público. Era realmente uma equipe muito legal, me incluiu entre estas pessoas, a gente está fazendo um trabalho da maior categoria. Você conhece o Marcão, sabe que... era um negócio lindo e livre, mas as pessoas não tinham a menor abertura para as coisas. Então eu andava com colares, mas eu andava porque andava, e o diretor de lá me disse que eu não poderia trabalhar, me pagou dois meses e me mandou embora. Hoje, eu não sei como está lá. Já aceitaram gente de cabelo grande? Era terrível — muito boa gente, mas eu só peço que as pessoas sejam íntegras com elas mesmas, você me entende?

ZE CONTINUA NA PÁG. 17
ZE IMAGINÁRIO

forma com que ele soube evitar, numa inesperada disciplina, aquele explorado filão do som pelo som, da massa bruta do ruído em que se envolveram centenas e centenas de conjuntos, nos últimos anos. O Zeppelin foi além e fez música, que, até chegarem provas em contrário, é sempre o dado que sobrevive. Afinal, curtirão tem hora e, depois dos Beatles, do Wallace Collection, dos Doors, do Procol Harum e do Pink Floyd (um conjunto inglês sensacional, que me foi apresentado pelo Feriuto), o Zeppelin era o próximo a se incorporar definitivamente ao meu seleto time de favoritos. Surgido em 1968, ele ficou famoso em pouco tempo: no ano

passado, levou vantagem sobre os Beatles na pesquisa de popularidade da revista «Melody Maker», editada em Londres, e vendeu mais de três milhões de discos. Parecia disposto a acabar com o baile. Mas qual! Agora chega o Feriuto dizendo que o conjunto vai acabar e que, após temporada pelos Estados Unidos, lançará seu quarto e último epê. Motivos? Apenas um: desentendimento entre Robert Plant e Jimmy Page... Não é o fim da picada?... (VANDERLEI CUNHA)

Discografia ips ainda à venda nas lojas especializadas.

1. LED ZEPPELIN II (Alp 605.031) Atco/Cbd - 1969
2. LED ZEPPELIN (Alp 605.041) Atco/Cbd - 1970
3. LED ZEPPELIN III (Alp 605.005) Atco/Cbd - 1970
4. CASH BOX TOP 100 ALBUMS (2401.010) Atco/Cbd - 1971 — duas faixas: «Hey, Hey, What Can I Do» e «Immigrant Song».

MELODY MAKER (19 DE SETEMBRO, 1970) — PESQUISA DE POPULARIDADE REALIZADA PELOS CRÍTICOS CHRIS WELCH — MAX JONES E CHRIS HAYES.

CONJUNTO DO ANO/ INGLATERRA

1. LED ZEPPELIN
2. BEATLES
3. WHO
4. Pink Floyd
5. Family
6. Rolling Stones
7. Moody Blues
8. Soft Machine
9. Fleetwood Mac
10. Fairport Convention

LONG-PLAY DO ANO/ INGLATERRA

1. LED ZEPPELIN II
2. LET IT BE (Beatles)
3. LIVE AT LEEDS (Who)
4. Abbey Road (Beatles)
5. Ummagumma (Pink Floyd)
6. Live Cream (Cream)
7. Tommy (Who)
8. McCartney (Paul McCartney)
9. Deep Purple in Rock (Deep Purple)
10. Liege and Lief (Fairport Convention)

SERVIÇO DAS LOJAS ESPECIALIZADAS (Levantamento semanal)
CASA KRAHE, Andradas, 1519,
 fone 24-5618.

Lps e compactos a preço de tabela e lps em liquidação (de 12,00 a 15,00) Fitas virgens a 13,50 - 16,50 e 22,50. Cassettes a 35,00 (excelente estoque). Oferece crediário e as facilidades avançadas de 3 a 10 prestações. Dentro de 2 meses estará trabalhando com discos importados e inaugurando duas tremendas cabines de som. Por enquanto, a curtição é no pick-up estéreo, ao lado da Cristina, maravilhosa criatura que fala de Mozart, Gilberto Gil e do velho Bach com o mesmo desembaraço. Escute o que quiser à vontade, pois a Krahe não cobra estacionamento (o seu, é claro). Fecha às 19.30 (4ª e 6ª às 20.00) e não abre nos sábados à tarde. Permanece funcionando ao meio-dia. Aceita reservas de discos, pessoalmente lps de Sinatra reunidos no álbum «A Man and His Music», da Reprise. Preço: 120,00 (ou 10 prestações de 12,00).

DISCO DE OURO, Andradas, 1700,
 fone 25-8225.

Lps e compactos a preço de tabela e discos em liquidação (a partir de 7,00). Fitas virgens a 12,50 e cassettes a 33,00. Não há crediário e o negócio é na base do «toma-lá-dá-cá». Oferece 3 cabines de som de arco onde os milongueiros poderão ouvir tudo aquilo que pretendem levar pra casa. Com aquela sombria, acabam levando muita coisa. Para as formalidades de prazo, você pode falar com Mauri, Noel, Luis, Cláudio ou Maria da Graça, gente da boa e por dentro do assunto. Não fecha ao meio-dia e atende até às 20.00. Abre sábados à tarde até às 18.00 em ponto. Aceita reservas de discos num prazo máximo de 4 dias e só pessoalmente (aproveite a visita e aperte a mão do pessoal). Não trabalha com importados, por enquanto. Detalhe importantíssimo: **VENDE O PATO MACHO**, que a exemplo dos discos dos Beatles, está sempre esgotando. Recebe muitas novidades ainda nesta semana. Fique de olho...

DISCORAMA, Gal. Rosário, lojas 42/44, fone 24-0214.

Não trabalha com fitas e oferece lps a 20,00 - compactos simples a 6,00 e duplos a 8,00. Dependendo do que você comprar, isto é, da quantidade, faz descontos que envergonhariam o Marinha Magazine. Sem essa de crédito! O negócio é a vista, ali na boca do trombone. Tem lps em liquidação, a partir de 10,00. Dispõe de todos os sucessos do momento e está aguardando novidades quantíssimas, como o lp de Caetano Veloso, por exemplo. Não há cabines, o que não chega a ser um problema: um amplificador machão como o Pato manda som pra toda a Galeria e a curtição não é moleza... Atende até às 18.30, com chuva e tudo, e não fecha ao meio-dia. Sábados, só pela manhã, pois à tarde a companhia des-

cansa merecidamente. Aceita reservas num prazo máximo de 48 horas, pessoalmente ou por telefone. Do outro lado do balcão, a simpática de Edith, Nice e Sônia, dando as dicas e judando na escolha. Dona Edith afirma que «sendo para levar», você pode escutar até a Nona de Beethoven completa! «Sendo para levar», bicho!...

IMCOSUL, Dr. Flores, 119, fone 24-8611.

Grande variedade de preços e repertório. Uma das melhores discotecas da cidade. Lps de 12,00 a 22,00 / compactos-simples a 5,50 e duplos a 7,00. Não costuma dar desconto mas o crediário é da pesada: até 10 prestações, sem entrada. Não trabalha com fitas nem com importados. Tem discos em franca liquidação: de 5,00 a 10,00. Colta boa. Oferece uma acolhedora cabine que dá direito à audição tranqüila de 3 a 4 discos por vez. Aceita reservas num prazo de 72 horas, pessoalmente ou por telefone. No balcão, dona Guisela (pode chamá-la de Gulas que ela não se importa...) e Alda garantem a parada. O lp do Jair e o «Rose Garden» estão esgotados, mas devem chegar novas cópias amanhã ou depois. Fecha ao meio-dia e não funciona aos sábados à tarde. Atende até às 19.00. Vai receber por estes dias o compacto de Lobo («Me and You and a Dog Named Boo»), que a Continental continua badalando. Atração: alguns valiosos álbuns de Earl Grant, quase esgotados.

SERVIÇO

DISCOS

vanderlei
Cunha

I.N.F.O.R.M.A.Ç.Ã.O

ACABAM DE SAIR NOS STATES (NEM A CONTINENTAL POSSUI)

1. STIKY FINGER — Rolling Stone's Coc 59100 Ampex) lp
2. ERIC CLAPTON (Sd 33-329 Atco) lp
3. WEASELS RIPPED MY FLESH — Frank Zappa & The Mothers of Invention. Avulso.
4. THE STOOGES/FUN HOUSE (EKS 74071 Elektra) Conjunto de rock from Michigan.
5. THE NEW YORK ROCK ROLL OVER (Columbia) Rock por estudantes universitários dos campus nova-iorquinos.
6. HEAVY HANDS — vários — (Columbia) Incluindo, entre outros, Santana Al Kooper & Shuggie Otis, Fleetwood Mac, Taj Mahal e Pacific Gas and Electric.

BOOTLEGS (DISCOS EDITADOS CLANDESTINAMENTE)

1. Bob Dylan & The Band no Festival da Ilha de Wight. O som não é dos melhores.
2. "Isle of Wight Album", contendo a maior parte dos artistas que tomaram parte no Festival, como Dylan, Joan Baez, Hendrix, Ginger Baker, Zappa, etc. O som também é muito ruim.
3. "Three or Four Unreleased Songs From The Sergeant Pepper "Sessions", matrizes de músicas jamais editadas pelos Beatles e compostas durante a gravação de "Sergeant Pepper". As fitas foram roubadas da Capitol. A qualidade técnica? Putz! "Jumpin' Jack Flash" e outras duas canções gravadas ao vivo durante uma apresentação dos Stones em Detroit.

LIVROS SOBRE MÚSICA POP, ROCK, ETC. (ENCOMENDE A UM AMIGO)

1. OUTLAW BLUES/ A BOOK OF ROCK MUSIC — Paul Williams — Editora Dutton. \$ 1.75 — 191 páginas.
2. JIM MORRISON AND THE DOORS. AN UNAUTHORIZED BOOK — Mike Jahn — Editora Grosset and Dunlap \$ 1,00 — 95 páginas.
3. ROCK AND ROLL WILL STAND — Editado por Grell Marcus — BEACON PRESS. \$ 2.95 — 182 páginas.

AUMENTO NO PREÇO DO DISCO (PARA JÁ!)

Prepare-se para nova esticada no orçamento.
 O lp de 20,00 vai para 22,00 (alguns estéreos, 24,00)
 O compacto-simples de 6,00 vai para 7,00
 O compacto-duplo de 8,00 vai para 9,00

Nos próximos números, várias outras lojas serão consultadas. Todas terão vez aqui no Pato pois o serviço pretende ser completo.

CONTINENTAL: AS EXCLUSIVAS QUE O «JUDEU» NÃO VENDE NEM EMPRESTA

Cornelius Brothers & Sister Rose (Treat her like a lady).
 Brenda & The Tabulations (Right on the top of my tongue).
 The Honey Cone (Want ads).
 James Brown (Spinning Wheel / partes I e II).
 Charles Wrigt & the Watts 103rd Street Band (Your love).
 Gordon Lightfoot (If I could).
 Brewer & Shibley (One toke over the line).
 Tin Tin (Toast and marmalade for tea).
 Wilson Pickett (Don't knock my love).
 Ronnie Spector (Tandoori Chicken).
 The Ray Charles Orchestra (Booty Butt).

OXONBRA MAX
 Assumpção

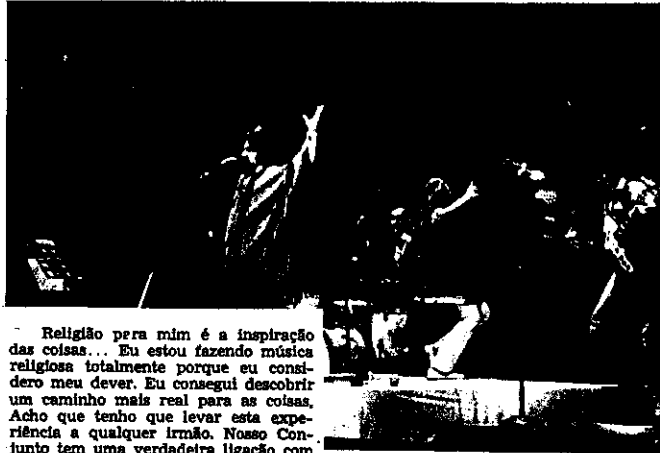
<p>EU VÔ FALA UM NEGOXO PRA VOXEIS...</p>  <p>NO PATO MACHO TODUX SÃO GENTE!</p> <p>COM VIRTUDIX! DEFEITOX!</p>	<p>TODUX GOXTAM DI WHIKKY / I DI OTRAX CÔXAS QUI TODU MUNOO GOSTA!</p> 	<p>MANS! VOCEX NÃO EXPALHEM! TAMBEM TEM UMA BIXA...</p>  <p>E COM NIXO ELA E DIFERENTE QUE ORBOR!</p>
---	--	--

CONTINUAÇÃO DA ENTREVISTA
DO ZÉ RODRIGUES

Volto à música. O bicho tem seu Jaime, o Jimmy Hendrix, que foi o camarada que a gente agradece a ele ter ido fazer o concerto de música erudita, de música aleatória e o auditório estar cheio de jovens, porque ele ensinou aos jovens a beleza do som. Ele, eu não sei, falar além dele, qualquer outro trabalho fica pequeno. O trabalho e a vida dele foram uma coisa só. Posso discordar do que o levou à morte, mas ele realmente morreu procurando abrir, abrir, abrir cada vez mais. Ele morreu para que a gente pudesse viver melhor. Juntar outras pessoas a ele, fica meio desrespeitoso, porque eu o coloco em nível de santidade, e santo para mim é um negócio muito importante... Tem muito mais gente importante mas não gostaria de misturar ninguém com ele.

Segundariamente, posso falar de Frank Zappa, que foi o camarada que... veja, no Brasil houve uma fase em que a incoerência foi muito importante, isto a gente já teve no dadaísmo, no surrealismo, bem mais atrás... O barroco mineiro, por exemplo, não era mais nada do que uma evolução automática de formas, o dadaísmo, uma evolução automática de idéias. Frank Zappa foi o camarada que conseguiu usar a incoerência com a maior sabedoria. Cantores? Tem os Beatles...

Iron Butterfly? Eles têm muita coisa parecida com nós, também trabalhavam no sentido religioso — o deles, inclusive é mais evidente. Inclusive, In A Gárgala da Vida serviu de fundo para toda a minha estadia em Porto Alegre, eu ouvia lá sempre. Eu ouvia muito eles, Hendrix, The Dors, que têm uma estrutura muito estranha, pessoal.



Religião para mim é a inspiração das coisas... Eu estou fazendo música religiosa totalmente porque eu considero meu dever. Eu consegui descobrir um caminho mais real para as coisas. Acho que tenho que levar esta experiência a qualquer irmão. Nosso Conjunto tem uma verdadeira ligação com a religião, uns mais, outros menos, nós não temos aqui aquela que eu me atrevo a chamar de religião de hippie, embora no Brasil não existe realmente hippie, nem aquilo seja religião. É este negócio meio... uma soma de conceitos gnósticos, de religiões orientais, mas só nas partes interessantes, entende?, as pessoas usando as informações mas só nas partes que lhes interessam para a satisfação imediata e mais fácil. Eu não estou procurando coisas fáceis nem imediatas. Meu prazer é trabalhar com o material mais difícil, é lidar com ele mais tempo, é ter que explorá-lo até o fim. Minha religião ensina tudo isto, e ensina também humildade, principalmente para o filho de santo, que é médium — ele sozinho não faz nada.



Um dia destes estive dando uma entrevista para um jornal americano, e o cara me perguntou se poderia explicar porque o apelo do rock na juventude brasileira — ele não conseguia entender. E eu disse que aqui no Brasil aconteceu um fenômeno muito estranho, porque tivemos em todo o Brasil um programa chamado «Hoje é dia de rock», e então a carga de rock corre no sangue dos brasileiros. Por outro lado eu tenho muitos amigos sambistas, vou muito a ensaio de escola de samba, e garanto que os sambistas do povo mesmo não têm preconceitos em relação ao trabalho que fazemos, à música elétrica. Eles são as pessoas mais abertas do mundo, e se você subir o morro vai encontrar muito disco de música elétrica. São essas pessoas esclerosadas culturalmente, da classe média, que ficam debatendo, porque o samba é a única música... Eu sou músico e estou procurando um caminho sonoro e não «uma verdade nacional».

O PREFEITO LINDSAY
VAI APERTAR
A MÃO DE JUJU MONSTER
Em Nova Iorque no 17 de Junho

Nosso monstro em Nova York, receberá dia 17 de junho a HANEY MEDAL oferecida pela «School Art League of New York City, por seu primeiro lugar no concurso promovido pela cidade de Nova York. [Vocês se lembram de sua carta: «estou pintando a «ólio», UHH! Uma porcaria... Vou ao museu todas as domingos pra isso.»]

A entrega da medalha será dia 17 às 14:30h de Nova York no Metropolitan Museum of Art/5th Avenue, 82 nd Street-Manhattan, NY, no «Grace Rainey Rogers Auditory (mais uma vez os povos desenvolvidos se curvam diante do Brasil...). É tem mais: o PREFEITO Mayor Lindsay estará presente, e é das suas mãos que Juju Monster receberá sua medalha. Ele é o Thelmo Flores de lá. O Magadan avisa que não poderá comparecer por que já tem programado um conquetel na sua Tenda-du-Arx.

Na foto, Juju Monster, a premiada

valent MONSTER



SEJA BIXO AO QUADRADO!

É isto mesmo!
Difusora e Jornal do Comércio convidam V.
a participar do 1.º Vestibular Simulado:
as questões quentes que os catedráticos vão lhe exigir
em janeiro do ano que vem.

O 1.º Vestibular Simulado é um
Vestibular antecipado (6 de junho),
corrigido por computador.
Seja bixo simulado no mês que vem
para ser bixo de verdade
no ano que vem!

Uma promoção

RÁDIO E TV DIFUSORA
Jornal do Comércio



O sexo e a violência, na final das contas, são o objeto determinante de 90% dos filmes feitos em qualquer parte do mundo. E à medida que o cinema sobrevive pela circulação comercial de seus assuntos, esta é também uma definição da curiosidade e preocupação do público consumidor. Está certo, o cinema nem sempre é uma perseguição de vanguarda, como a poesia e a literatura o são. O cinema é, mesmo quando extremamente cerebral, um atendimento, uma resposta. Se um Pound e um Joyce chegam aos extremos de linguagem e impacto é por que são esplêndidos animais de presa, são caçadores de sangue novo e de amplos espaços. Um diretor de cinema, mesmo um Godard ou um Pasolini, que são minórias, movimentam-se na aula, a estrutura comercial do meio. E isto não de todo mau. O valor do cinema é sua primitividade e sua obrigação com a curiosidade de milhões. Vanguarda, em cinema, é chegar mais e mais perto de uma linguagem crítica que envolva um assunto ameaçador socialmente. Sexo e violência, por exemplo, dualidade explosiva que é o sustento e o perigo de todas as estruturas morais e políticas, do velho ocidente. O cinema, como todo meio de ampla aceitação social, é uma probabilidade política um arregimentar e um doutrinar sobre as coisas mais rentes ao cotidiano, isto é, o sonho corporal do homem, sua ambição e carência de poder, de sexo, de valor. E o cinema reprime e libera. Reprime quando insinua, atafa, tapeia e desmerece a realidade crua, envolvendo o crucial, o vital com a sua intelectualização: Bergman, Pasolini, o próprio Godard.

Reprime ainda mais quando é torpe e doentio (Bolognini) ou

quando cria espaços falsos para uma simples circulação de idéias (Buñuel). E quando é livre? Quando consegue mostrar que o sexo, como doença, é o irmão siamês da violência e que ambos são consequências um diálogo desigual na base: a oposição social ou metafísica do homem com seu mundo, seu corpo, seu destino. Assim é que o sexo em cinema deve ser em princípio, como a violência, uma evidência, uma clareza, uma definição. A simples insinuação, em cinema, é uma perda de tempo. A liberdade, no cinema, é graduada, em cada fotograma, pelo índice maior ou menor de estupidez, brutalidade e impotência que ele mostra crumentemente.

Mas o cinema tem um problema: é uma arte entre paredes, necessita do «nihil obstat» da Igreja e outras instituições de igual porte. O sexo, em cinema, vive de elipses e alegorias e se isto serviu para revigorar uma linguagem, serviu também para trapacear os objetivos do próprio cinema: a realidade como é e como deveria ser, na sua dureza, na sua aspereza, no grau de insuportável a que ela pode chegar. Não fosse o sexo e o cinema seria uma arte menor, mínima. É de desconforto, tirando meia dúzia de nomes e trabalhos, se é realmente não é pequeno. Em certos países do mundo quando um filme passa é porque não importa ser visto. E filmam Lawrence, Henry Miller e uma biografia do Sade. Para que? Para que as pessoas suem e sufiquem mais ainda naquilo que não é mostrado. Eis uma arte cuja maior dignidade são as indignidades que sofre, e cuja maior verdade é sua cumplicidade forçada.

JOSÉ ONOFRE

SEXO?

EIS A SUA CHANCE

No cinema e TV.

Mulheres bonitas, homens, plays and girls com boa apresentação nível cultural 2º ciclo secundário que queiram trabalhar em cinema comercial procurar MÓDULO FILMES, c/Edgar na MARYLAND 279. Tai a chance de ser o novo Paulo José dos pampas.

VAI LA MALÂNDRO VAI LA

Domingo no Parque da Redenção, é tremenda curtição! Tem cada maluco, pregador evangelista, cabeleudo curtindo um banho de sol, suburbano namorando na grama ouvindo Marcos Roberto e o Jerri. Tomar suco de maçã no Joe's domingo já era, o quente é comer rapadura no parque, deitado na grama. O Bockão Pegoraro, um tremendo boa gente, disse que vai comprar uns pneus importados para sua Calóli de corrida e vai domingo que vem passear com a namoradinha na Redenção.

Assinado o galinhão do Pato. NILO SOARES



INDEPÊ

Cena familiar na Independência.

«Meu filho, me diz ligeiro, aquela mulher que eu beijei ontem, bêbado, no Butikin, era tua mãe?»

«Não sei, pai. Estava muito encurtado. Só sei que eu dei uma cantada nela e ela não topou.»

«Então não era.»

Cô,

A transa é a seguinte: resolvi fazer um boletim, claro que não meteorológico, sobre tudo o que está acontecendo por aqui. Cada semana eu te mandarei um boletim de informações. Viva nós e a UPI. Pode deixar que eu serei A VERDADEIRA ASSOCIATED PRESS do Pato Macho. Um beijo na testa. Gosto muito de você (COTA)

P. S. O Título é CURTIÇÃO CARIOCA pode assinar com o meu nome MARIA DUHA, que é o que sai nas minhas dicas do MANCHETE LOVE... Falei com Fabiola e ela me disse que te ama. Que Legal! Maria. Duha

— Sinatro escolheu para encerrar sua carreira, gravar um disco com músicas de Tom Jobim, o disco foi lançado há uma semana nos Estados Unidos e REALMENTE é um tremendo barato. Sinatro, cantando «Bonitos de Tom, é gênio.

— Antônio Bivar chegou há 15 dias de Londres e já começou a ensaiar a peça de sua autoria chamada «ROCK», no elenco Maria Gladys e Georgiana de Moraes mais uma filha de Vinícius nos espalcos da Vida.

— Suzana de Moraes recebeu convite, nesta semana, para filmar com Terence Stamp. O Filme será rodado na ilha da Páscoa e terá direção de Pierre Cast, para os meninos informados é o amigo de Claude Lelouch. Suzana já está de malas prontas e só está esperando acertar o tutu.

— Segunda-feira começa a ser gravada no Globo a novela que deverá substituir «Irmãos Coragem». O nome deverá ser «O Homem que Deve Morrer» da autoria de Dias Gomes e Janet Clair. No elenco os «Irmãos Coragem», Tarcísio Meira e Claudio Cavalcanti. Mais Dina Sfat, Paulo José e Armando Bógus.

— Todo o elenco da novela «Minha Doce Namorada», muito preocupado com o texto da novela, escrito por Vicente Sesso. A moçada se reuniu na sexta-feira passada para discutir

com a direção do Globo a possibilidade de, pelo menos, o autor aprender concordância do português.

— Marilda Pedrosa, mulher de Brailho, «O Cafona», tentou surtir e não conseguiu, agora surge firme na direção de teatro. Estreou esta semana a peça «As Hienas» de autoria do marido. No elenco, Renata Sorrah e Carlos Vereza. A moçada tanto tentou que conseguiu um lugar ao sol no teatro brasileiro.

— Marília Pêra deverá mostrar logo depois de «A Vida Escrachada de Baby Stampant», um outro musical chamado «Carmem Miranda» de autoria de Ary Fontoura. Ary Fontoura é o Gugu, da novela «Assim Na Terra Como no Céu». Podem ver que neste caso a arte não imitou a vida.

— Para terminar vou contar a última curtição no Rio. GRANDE FESTIVAL DE SUPER 8 NO MUSEU DE ARTE MODERNA.

Alguns filmes já pensados e outros já prontos.

Luiz Carlos Maciel — «A Gata Trudes»

Carlinhos de Oliveira — POP Carlos Vergara, pintor e escultor — «O Bigode de Sebastião Lacarda»

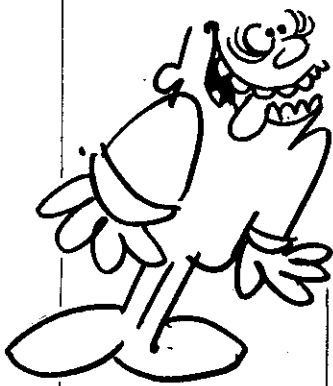
Claudio Marzo — «A Rural» Suzana de Marchi — «O Grilo ao Vivo».

Pelos títulos dos filmes vocês podem imaginar o que a moçada tem curtido por aqui...

DICA DE HOMEM



Naquele tempo não havia o Butikin, nem Barbareia, Anete, Jusara, Tamara ou Katinha. O pecado ainda não havia possuído a alma branca de Sérgio Sgrillo. E gente, este anjo barroco que aí vem é o próprio, o badalado, cantado e comentado Sgrillo. A foto nos foi gentilmente cedida pela vozozinha do gordo, na visível intenção de trazer o neto de volta ao seio da religião.



LADY

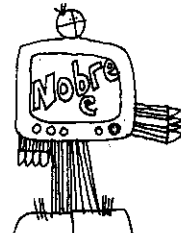
Quando aquele continuo entrou na sala do Lauro Shirmer (diretor de Zero Hora) voltou-se para o Paulo Raymundo e avisou:

— Seu Saul Jr., telefone para o senhor...

O Gaspar quase desmaiou, suspirou, e disse irritado:

— Logo eu... uma lady!

Odete Galvão



Todo mundo já sabe que eu e o Jockymann estamos preparando um show que estreará brevemente em Porto Alegre. Como no momento tudo que é show para teatro é medido pelo pornógrafo, já ando com o saco cheio de ouvir a pergunta: «Escuta aqui, quantos palavrões tem nesse negócio de vocês?»

NOBRE

EM CORRIDA DE GORDO ESBRÓGLIO
E BÔCA PEGORADO,
MACACO VELHO FICA SÓ ESPIANDO
& MAIS OS RECADOS
DO PAULO EDSON E DO JANJÃO



CARANGO

GORDO X BOCÃO

O desafio, nem os historiadores descobriram de quem partiu. O fato é que ficou acertado um tira-teima entre o Esbróglio e César Pegoraro pilotando os famosos Fórmula Ford-Bino. Na véspera, no Butikin o que um fazia o outro fazia também (haja saco para as namoradinhas); a Neca no meio de tudo nem sabia pra quem torcer: pró mano ou pró boy-friend! Depois de alguns uísques, o Gordo resolveu tirar sua esbelta silhueta de fora, dizendo ser desnecessário e talvez prejudicial um pega tão a sério. A solução apareceu rápida:

— Seremos embaixados juntos, disse um dêles.
— Tá certo!

(Pena é que ninguém ficou sabendo se na hora de pega pra capar a resolução seria cumprida). Uma mancha de óleo/ah! não sou eu quem afirma! Foi o Gordo/ proporcionando aquele UFA geral. O Bôca até deu uma esperadinha, lembram-se?

FÓRMULA FORD-BINO POR CR\$ 18.000,00

Mas o certo é que os 20 Fórmula Ford-Bino adquiridos pelos gaúchos estão a caminho de Tarumã. Eles darão, certamente, um toque mais competitivo às corridas aqui disputadas, pois são bastante versáteis e podem ser adaptados para Fórmula 2. Seu motor é Ford Corcel Bino com limite de 1.800 centímetros cúbicos. Quem quiser obtê-los ainda só tem um caminho: buscar um dos 12 restantes no Rio/GB e voltar pró portinho amaciando. Preço Cr\$ 18.000,00. (PAULO EDSON VIGNOLI)

RECADO DO JANJÃO

Seguinte: este nosso automobilismo morreu. Renovar é a ordem. As Fórmulas que aí vêm parecem que derão igualdade às disputas, porque as poucas alterações permitidas vão mostrar quem tem mais braço e não quem tem mais dinheiro ou bons patrocinadores. Já é tempo de ver quem «trata» mesmo, na hora do pega. É' aí, meus irmãozinhos, que se vê quem tira melhor rendimento do motor; quem usa corretamente a pista; quem dá o peitão no momento exato e, quem freia o mais-perto-possível da curva. Técnica e coragem; homens e máquinas no limite — a vitória do melhor. **JANJÃO.**

SERVIÇO

GUAIBACAR
SÃO PEDRO, 494

PARA
VOLKSWAGEN
TUDO
PELO MELHOR PREÇO
facilitado no pagamento
sem qualquer compromisso
UNICOM
PEÇAS PARA VOLKSWAGEN
AZENHA, 591

DARCI AUTO
ANDRADAS, 124
FONE - 25-11-53
A CARANGA
QUENTE EM 24
PAGAMENTOS

Compre seu carro à vista, para pagar menos!
Maisonave s.a.
Credito, financiamento e descontos em se encarrega do crédito
Andradas, 1432 - loja.

UM FUSCAO
POR APENAS
196,00
MENSAIS

Quem paga à vista, paga menos. Vá buscar seu crédito direto na
Maisonave s.a.
para gozar desta vantagem,
Andradas, 1432 - loja.

7º PLANO GAÚCHA-CAR
DE AUTOFINANCIAMENTO
GAÚCHA CAR 24 HORAS

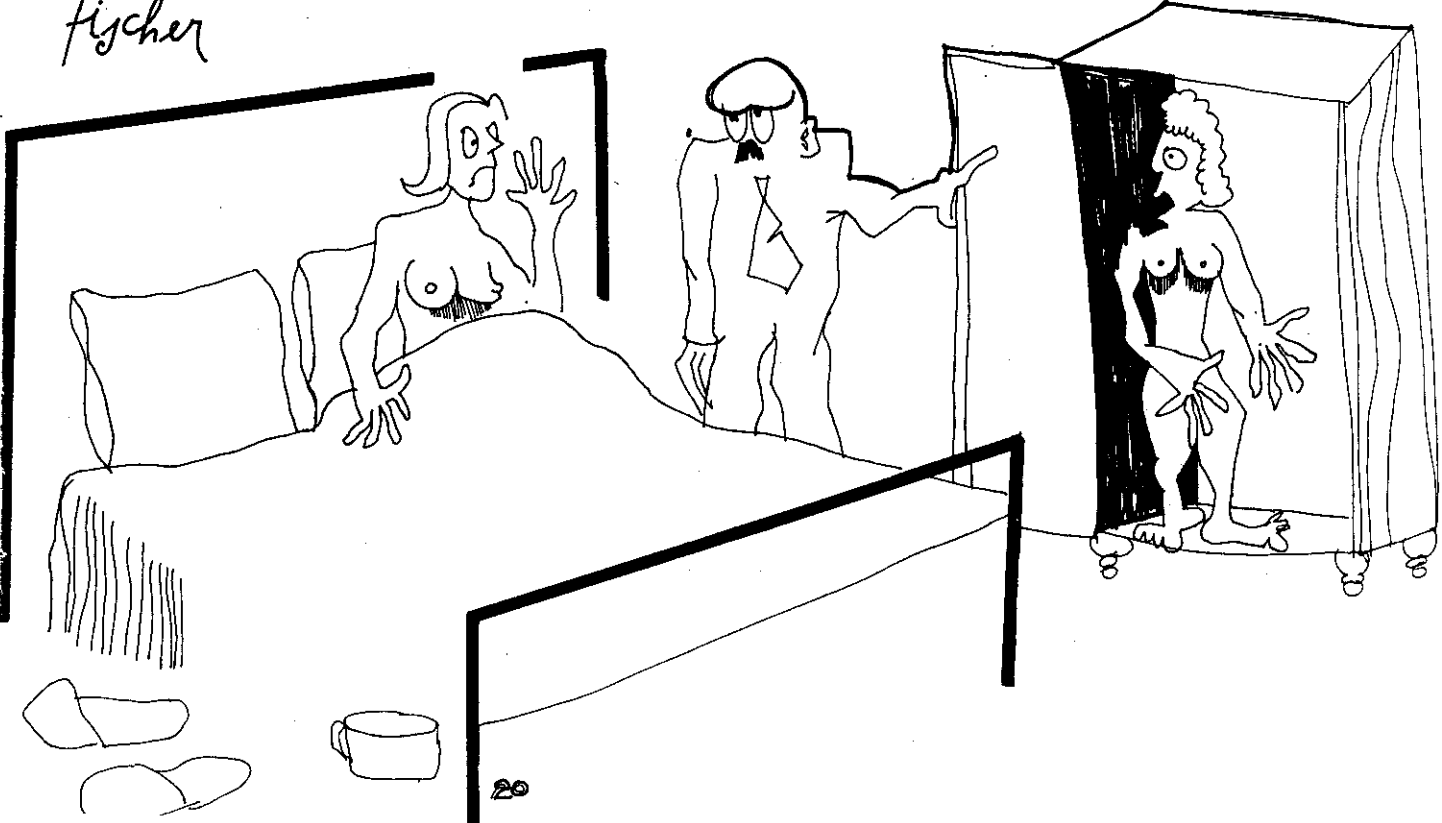
R. S. S. 4.760
BARRIO DO ANIL

PEÇAS E ACESSÓRIOS

LUCECAR
Rua Santos Dumont, 1079
Fone 22-7776

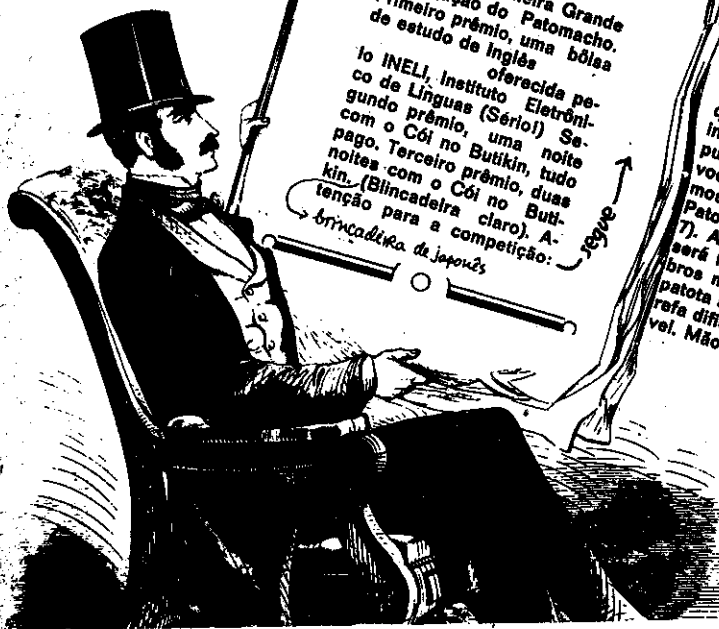
ANUNCIE PELO TELEFONE
23 7850

fischer



GRANDE COMPETIÇÃO DO PATO!

Estamos anunciando:



Atenção pessoal!

Esta é a primeira Grande Competição do Patomacho. Primeiro prêmio, uma bolsa de estudo de Inglês oferecida pelo INELI, Instituto Eletrônico de Línguas (Sério!) Segundo prêmio, uma noite com o Cói no Butikin, tudo pago. Terceiro prêmio, duas noites com o Cói no Butikin. (Blincadeira clara). Atenção para a competição: brincadeira de japôis

ALGUMAS GAROTAS FAZEM A GUERRA DOS PELODOS ou OS CASTRADOS e AS ECANDALOSAS

Entendeu? Não? Precisa explicar? Bom, imagine um programa duplo qualquer. Pode ser com filmes atuais ou antigos, filmes que já passaram aqui ou que estão por vir. O importante é que a combinação dos dois títulos dê algo de gozado, ou sugestivo, ou ridículo ou o que seja. Pode mandar quantas combinações quiser. Só uma coisa: tem que ser títulos que existem mesmo, não inventados. Começaremos a publicar as contribuições de vocês no Pato 9 e daremos o resultado final no Pato 10 (este aqui é o Pato 7). A comissão julgadora será formada pelos membros menos corruptíveis da patota aqui de casa, uma tarefa difícil mas não impossível. Mão a obra, gente!

OLHA AÍ

O filme Um Homem Chamado Cavalo é uma paulada, meu! — A garotinha que telefonou dizendo que sou hemético e que ela é neurótica deve ser uma tremenda cuca.

— Pra quem tá achando o Patomacho hemético, um conselho: corte com delicadeza o jornal pelo meio que ele vai ficar mais ereto, mais aberto. Depois faça um picadinho e boa sopa, pessoal!

— O DISCO DO GILBERTO GIL É UMA SAÍDA INTELIGENTE, PENA QUE A MAIORIA ACABA NÃO ENTENDENDO MUITA COISA. EU POR EXEMPLO SO ENTENDO TRES COISAS: VOLKSWAGEN BLUE, MAMA E NEGA. POIS É...

— A poluição no Japão alcançou níveis nunca antes alcançados. O ministério do bem estar solicitou (pra eles) que ninguém saísse de casa dia 18 passado porque senão ia ser um deus-não-acuda. Isto, é mesmo o fim da cultura e da civilização como o Mancuso e tantos outros imaginam. O Cói está com a razão — ele anda lendo o McLuhan? a televisão é mesmo uma baita revolução.

— Pois é... agora encherem de pedrinha o tal de viaduto. — Para Charles (o Nobre): «Deus é grande, Ele tá é meio encabulado».

— Vocês viram? o Cine Coral tirou aquela placa que proíbe de entrar no cinema com pipoca, amendoins, pacotes e principalmente etc. Mas em compensação fez aquele aquário para a bilheteria, eles não tomam jeito.

O DEBIAGI QUE NOS DESCULPE (A MIM EM PARTICULAR), POIS AQUELA FOFOCA DE EXPULSÃO E ETC. EU JA SEI BEM DE QUE BANDA DA PREFEITURA DEVE TER PARTIDO. COISA VELHA, MINHA GENTE. IDEIAS CADUCAS. PENA (C.F.)

Um dos capítulos do livro O Admirável Futebol Brasileiro tem uma parte que diz: «Inter-Rio». — Que pós são esses? pergunte o Hofmeister. RCBRE

I LOVE YOU

SAIBA RESPONDER A ALTURA!.
COMUNIQUE-SE COM O MUNDO,
FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.

TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.

INELI I
instituto eletrônico de línguas

Rua Professor Annes Dias, 112 8;9;10;andares. Fones-25 85 68-25 85 69

MODA



a loja
mais mulher
do portinho

bier
feminina

andradas 1625

Odette, de
seu berço, man-
do o recado:



CALÇAS FEITAS NA HORA

ENTRE
NAS
CALÇAS

Jim's

GAL. MALCON loja 6

CENTRO COMERCIAL, Av. J. Pessoa 1831-loja 215



"A roupa é uma extensão de nossa pele, a roupa ajuda a armazenar e canalizar energia, e, se o OCIDENTAL precisa de menos comida, precisa também de mais sexo" Este McLuhan é um gênio... HUM! HUM! HA! É? Odette

Floravante, o CONTESTADOR

Joaquim Fonseca



HOJE NÃO POSSO
PROTESTAR, GENTE.
MINHA CALÇA LEE
ESTA NA LAVADEIRA!



Odette de Grécy pede desculpas: esta com conjuntivite e não pôde ler suas gentis cartinhas.

Semana que vem Odette responde as cartas atrasadas. OK?

Perdoem-na, pois nesta idade tudo é perigoso...

Na página do Grê-Nô! ela diz presente.

no Pato 8: o nosso Hyde Park



rádio continental 1120 khz o som nosso de cada dia



CARTAS DE AMOR OUTRAS E ITC.

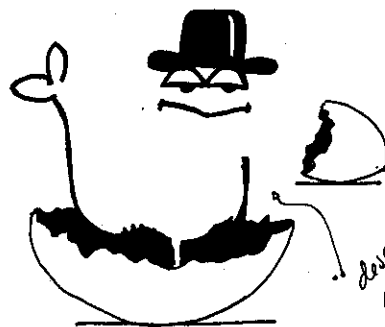
PISTOLA

M.D. Diretor do semanário LAMERLIRROSTRO MASCULO: Prezado Senhor. Formulo a presente epistola a fim de transmitir-vos a vossa pleiade de jovens os mais efusivos encômios pelo evento desse órgão tão bem postado no contexto da avançada Era da Comunicação. Pois que são de bom agrado seus assumptos palpitan-tes elaborados n'um estylo atraente e com farta ilustração. Afianço-vos que sou entusias-ta pelos eventos que tendem a guindar a nossa mui leal e va-lerosa cidade de Pôrto Alegre aos parâmetros da cultura, como no caso em tela. Aliás, offeru-ço meus parcos prestimos ao Lamerlirrostro Masculo. E, con-

siderando-se que oceitasseis minha colaboração, adianto-vos que tenho opimas e atualiza-díssimas piadas (habilmente su-gadas do Almanach Capivarah), que colocaria a vossa merce. Habitou? De resto, prossigal, mancebo, nessa fulguroso ex-plusão de jovens ideias, que as mentalidades quedas no tempo não poderão convosco.

Identificando-me com vossa terminologia, digo: panhal para fraturar, curti aquê de pouco preço, que estarei a aplaudi-vos, porque estou na vossa, ir-racional!

— Essa carta veio assinadu «Dante de Laytano», mas a tur-ma aqui logo manjou a brinca-deira e seu verdadeiro autor. Pôra de gozar com o estylo dos outros, ô Aldo Obinol!



ENFIM O PATO Nº1

DEPIS DE UMA CURTA GESTAÇÃO DE QUATRO NÚMEROS, CHEGA AD PÔRTO, O PATO (SEM SEXO, AINDA) Nº: ZERO.

E AGORA O PATO SAI DA CASCA: E' O PATO Nº1, MACHO, DITO Nº: 6.

ASSIM:

LUIS FERNANDO E NOBRE, OS MESMOS (MUITO BOUS). COI POR DENTRO DO CINEMA. BEM LEMBRADOS: RODRIX E SCHIAR. BIXOXIM, O MELHOR CARTOON (E OS OUTROS?). AGORA A DIAGRAMAÇÃO FOI FEITA: BOA MASRO, E' ISTO. NÃO INVENTA DE ESCREVER, QUE ESTA NÃO E' A TUA. SACO!

UMA COISA: O PATO AINDA E' UMA CRIANÇA. TEM MUITO O QUE FAZER E MALHAR NESTA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. AGORA, SE ÉLE MORRER, NÃO SERA' MAIS NA CASCA. O PATO JA' E'.

CLAUDIO CASACCIA

P.S. UM ABRACO PRÔ SERGIO ROSA.



Bárbara Gonçalves, do Programinha, da Independência, para a glória. A fotografia era pra ter sido em hot pants, mas na hora começou a chover. A Barbarela não quis molhar as perninhas... o azar é de vocês.

A PATADA

Foto: agência focointelto

PATO MACHO C/R\$ 1.00

PATO MACHO n.º 7, 26 de maio de 1971

PATOMACHO

GRE NAL

Foto/arquivo Zero Hora

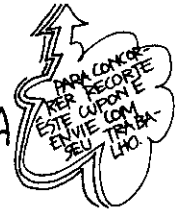
O Chamaco



É QUENTE:



VOCÊ PODE GANHAR UMA BÔLSA DE ESTUDOS DE INGLÊS LENDO ÊSTE PATO!



VEJA A GRANDE COMPETIÇÃO DO PATO NA PAG. 21